



revista



mensal | julho de 2021 | nº 1 | ano 28 | [f](https://www.facebook.com/sescrevistae) [@sescrevistae](https://www.instagram.com/sescrevistae) [sescsp.org.br/revistae](mailto:revistae@sescsp.org.br) revistae@sescsp.org.br | Distribuição gratuita | Venda proibida

FAROL CRIATIVO | SER HUMANO E ATLETA | ANNA BELLA GEIGER | ALFREDO BOSI | NOVOS RUMOS DO LAZER |
ALBERTO MANGUEL | 30 ANOS DA LEI DE COTAS | TELMA SCHERER | MARÍLIA BONAS | RICARDO TACIOLI SERAFINI

sesc

75 ANOS



ISSN 2179907-5

0316

9 772179 907008

Ação urgente contra a fome. Faça sua doação.

A fome é uma realidade que atinge milhões de brasileiros.

Agora, você pode doar qualquer tipo de alimento não perecível diretamente nas unidades do Sesc e Senac no Estado de São Paulo

Ajude a mudar essa situação!

Acesse

www.sescsp.org.br/doemesabrasil



realização





Câmera 06 | Marcelino Melo (Nenê)

IMAGEM DA CAPA

A foto que ilustra a capa desta edição, do artista Marcelino Melo (Nenê), compõe o projeto Galeria Virtual, realizado pelo Sesc Campo Limpo, no qual artistas são convidados para expressar sua relação com a região em que vivem. Morador da Zona Sul, Nenê criou a *Quebradinha* (@quebradinha_), uma série de esculturas feitas à mão a partir de materiais reciclados que reproduzem em miniatura a vida periférica. Os trabalhos são expostos virtualmente nas redes sociais da unidade, apresentando o artista, seu processo de criação e a obra finalizada. Conheça as histórias por trás dessa galeria artística:

<https://www.instagram.com/sesccampolimpo/>

<https://www.facebook.com/SescCampoLimpo/>

Você também pode ler a Revista E em tablets e smartphones

Baixe o aplicativo do Sesc São Paulo e confira as reportagens e entrevistas, além de vídeos, áudios e imagens.

Sesc

App Store | Google Play | Download gratuito para Android e iOS

Somatória de esforços

Com o objetivo de ampliar as ações de combate à fome, uma triste realidade que a pandemia agravou, o Sesc – Serviço Social do Comércio e o Senac – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial somaram seus esforços na arrecadação de alimentos não perecíveis para distribuição às famílias necessitadas. Juntos, disponibilizaram todas as suas unidades operacionais no estado para receber doações de seu público frequentador e de toda a comunidade. Estes alimentos são posteriormente encaminhados para inúmeras famílias por meio de instituições cadastradas no Programa Mesa Brasil Sesc, que existe há mais de 26 anos.

Esta iniciativa urgente e necessária está em consonância com o trabalho realizado pelo Sesc desde sua criação em 1946, visando promover o bem-estar dos trabalhadores do setor, de seus familiares, bem como de toda a sociedade. Ao olhar para o contexto contemporâneo e compreender as demandas atuais, das quais a fome é uma realidade presente em muitos lares, a entidade oferece esforços, recursos e mobilização, somando-se a tantas outras iniciativas que trabalham com esse mesmo objetivo. Coloca-se, portanto, como parceira de instituições, do poder público e da comunidade para gerar melhorias na vida de todos.

ABRAM SZAJMAN

Presidente do Conselho Regional do Sesc no Estado de São Paulo

Partilhar experiências

A pandemia mudou a maneira como nos relacionamos com as tarefas cotidianas e alterou o modo como acessamos os bens culturais. O que essa experiência tão marcante da humanidade nos mostra é que o presencial é algo de caráter intrínseco à ação cultural, visto que se constitui não apenas no jeito de mostrar, de fazer, de reunir pessoas. O presencial é indissociável da ação cultural porque é a partir da relação com o outro, da interação com o público a sua volta, que ela se completa. Trata-se da experiência da partilha diante do imponderável e do extraordinário que as artes nos proporcionam. Portanto, a partilha do ver é essencial, pois você vê e constrói significados junto com o outro.

Assim, diante do desafio atual de mantermos o distanciamento, em razão do bem maior, que é a vida humana, as tecnologias nos apresentam novos caminhos para que continuemos a nos maravilhar com as artes. Inúmeras são as iniciativas para aproximar público das mais diversas propostas artísticas, construindo novos vínculos. Como se dá a curadoria da ação cultural nesse ambiente virtual? Reportagem desta edição da **Revista E** convida a essa reflexão, mostrando diferentes meios de agrupar programações culturais para muito além dos algoritmos. São novos caminhos que se abrem nesta infinidade de opções das artes, em que a criatividade se faz presente, seja no ambiente virtual ou no presencial. Boa leitura!

DANILO SANTOS DE MIRANDA
Diretor do Sesc São Paulo

SUMÁRIO



Craig Stephenson

Em ENTREVISTA, o bibliófilo e escritor ALBERTO MANGUEL fala sobre amizade com o escritor Jorge Luis Borges, obras clássicas e livros na era digital **10**



Phatlay

Criadas pela necessidade de filtrar e selecionar em meio à vasta produção de linguagens artísticas na internet, as PLAYLISTS se popularizaram nas plataformas digitais **16**



Mauro Bellesia | IEA-USP

No PERFIL, vida e obras fundamentais do historiador, professor e crítico literário ALFREDO BOSI, um dos maiores pensadores da cultura brasileira **24**



BU-RO-CRA-CIA, 1975 | Acervo Anna Bella Geiger

Na GRÁFICA, todas as FACES DA EXPERIMENTAÇÃO norteiam a trajetória da escultora, pintora, gravadora e artista intermídia brasileira Anna Bella Geiger **30**



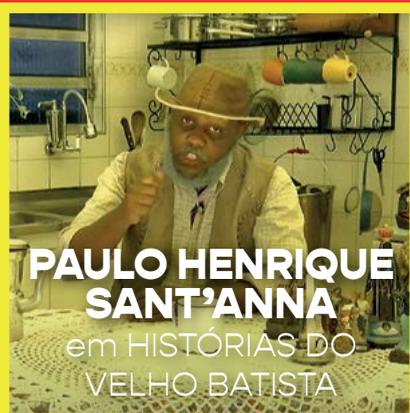
Joana Neves | Divulgação

Para além de jogos olímpicos, pódios e medalhas, ATLETAS E PARATLETAS são protagonistas de outros importantes papéis na sociedade **48**

DOSSIÊ	7
EM PAUTA 30 ANOS DA LEI DE COTAS	54
ENCONTROS MARÍLIA BONAS	60
DEPOIMENTO ALBERTO ACOSTA	64
INÉDITOS TELMA SCHERER	68
ALMANAQUE PAULISTANO	74
P.S. RICARDO TACIOLI SERAFINI	76

#emcasacomsest

**VEJA OU REVEJA SHOWS,
ESPETÁCULOS DE TEATRO E DANÇA
E ATIVIDADES PARA CRIANÇAS**



Acesse:
[instagram/sescaovivo](https://www.instagram.com/sescaovivo)
[youtube.com/sescsp](https://www.youtube.com/sescsp)
[sesctv.org.br](https://www.sesctv.org.br)
[sesc.digital](https://www.sesc.digital)
[sescsp.org.br](https://www.sescsp.org.br)



Cestas Básicas | Ribeirão Preto | Foto: Sté Frateschi

Juntos e mais fortes

NOVAS PARCERIAS E AÇÕES SOMAM FORÇAS EM INICIATIVA DO PROGRAMA MESA BRASIL DE COMBATE EMERGENCIAL À FOME

Diante da situação de fome e insegurança alimentar no país, um trabalho contra o relógio é realizado diariamente para levar comida a quem não tem no estado de São Paulo. Tendo em vista esse cenário, o Mesa Brasil Sesc São Paulo amplia o alcance da campanha *Ação Urgente Contra a Fome* com o apoio dos Sindicatos do Comércio no estado. Desde junho, as 63 unidades educacionais do Senac São Paulo também são pontos de coleta das doações.

Além desse apoio, uma ação conjunta do Sesc, Senac e TV Tem, afiliada da Globo no interior, promoveu a campanha nos dias 11, 12 e 13 junho. Nesse período, foram montados *drive thrus* de coleta das doações em 14 cidades (em sete cidades nas unidades do Sesc e, nas outras sete, em unidades do Senac). O Museu do Ipiranga, na capital, também somou forças ao realizar, em parceria com o Sesc São Paulo, um dia D de arrecadação de alimentos, em 26 de junho. Para a ocasião foi organizado um *drive thru* em frente ao museu.

A CHEGADA DO SENAC NA CAMPANHA E A AÇÃO CONJUNTA COM OS SINDICATOS DO COMÉRCIO VAREJISTA EM TODO O ESTADO DE SÃO PAULO POSSIBILITAM A PARTICIPAÇÃO DE UM MAIOR NÚMERO DE PESSOAS EXERCENDO SEU PAPEL SOLIDÁRIO.

A SITUAÇÃO É URGENTE E PEDE AÇÃO E UNIÃO!

MARCIA BONETTI, gerente da Gerência de Alimentação e Segurança Alimentar

De 11 de maio a 13 de junho, a campanha *Ação Urgente Contra a Fome* arrecadou 36.280 kg de alimentos não perecíveis que irão beneficiar 120 mil famílias cadastradas nas instituições sociais parceiras do Mesa Brasil. “Frente à crise social e sanitária que estamos vivendo, com milhares de pessoas sem ter acesso ao que comer, todas as parcerias são muito bem-vindas! A chegada do Senac na campanha e a ação conjunta com os Sindicatos do Comércio Varejista em todo o estado de São Paulo possibilitam a participação de um maior número de pessoas exercendo seu papel solidário. A situação é urgente e pede ação e união”, disse Marcia Bonetti, gerente da Gerência de Alimentação e Segurança Alimentar do Sesc.

Para participar, basta levar qualquer quantidade de alimentos não perecíveis até uma unidade do Sesc ou do Senac do estado de São Paulo. As doações podem ser feitas no horário de funcionamento das respectivas unidades. Saiba mais: <https://doemesabrasil.secscsp.org.br/>.



Louco no oce sem beiras, de Frederico Barbosa
 Direção: Mika Lins | Com Diego Machado
 Imagem: Frame do vídeo (Reprodução)

PALAVRA RESISTÊNCIA

Com o tema *No princípio era o verbo*, a 15ª edição do projeto *7 Leituras* reúne obras do poeta pernambucano Frederico Barbosa, uma comédia do dramaturgo carioca Flávio Goldman, diálogos poéticos de Fernando Pessoa e Castro Alves, além de textos de Eugênia Thereza de Andrade, diretora do projeto, numa série de episódios transmitida pelo canal do YouTube do Sesc 24 de Maio. A proposta é colocar em cena, nesta temporada, textos sobre a resistência da humanidade. Segundo Eugênia, que também assina a criação do projeto, “a palavra resiste nos poemas e peças de escritores modernos e contemporâneos que enfrentam as mais pungentes crises da vida atual”. No dia 27 de julho, o episódio será dedicado aos poemas do escritor paulistano Claudio Daniel. A série *7 Leituras* será exibida sempre na última terça-feira de cada mês, às 16h, até dia 30/11. Confira: www.youtube.com/sesc24demaiovideos.

CHAMA ACESA

Há um fogo que nunca se apaga instalado no Sesc Avenida Paulista e transmitido virtualmente, 24 horas por dia, até maio de 2022. CHAMA, um monumento em memória a todos que perderam a vida na pandemia, é o primeiro desdobramento de *A Extinção É para Sempre*, projeto multilinguagem e inédito do artista Nuno Ramos que busca responder às incertezas do presente. Realizado pelo Sesc São Paulo, com apoio do Goethe-Institut, o projeto é organizado em sete episódios e conta com a colaboração de nomes das artes visuais, da dança, do teatro e do cinema. Entre eles, Antonio Araujo, Noemi Jaffe, Romulo Fróes, Allyson Amaral, Eduardo Fukushima e Tenca Silva. “O projeto é uma tentativa de reagir, com balas múltiplas, a um ataque múltiplo, de manter a linguagem viva em vários níveis”, disse Nuno Ramos. Acompanhe: <https://aextincaoeparasempre.sescsp.org.br/>.



Reprodução



Claus Lehmann

POESIA ESCRITA E CANTADA

Segundo trabalho solo da cantora, compositora e percussionista **Helô Ribeiro**, *A Paisagem Zero* mergulha nos textos do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto (1920-1999) e volta à superfície em canções que misturam balada, pop e rock. Recém-lançado nas plataformas de *streaming* do Selo Sesc, o álbum desabrocha uma fusão entre o Nordeste de João Cabral e o cenário paulistano do qual Helô faz parte em dez faixas. Destaque para *A Viagem*, com a participação de Maurício Pereira, *Os Primos*, com Alzira E, e *O Rio*, com o grupo Barbatuques, do qual Helô faz parte. Os músicos Dustan Gallas (guitarras e teclados), Thomas Harres e Samuel Fraga (baterias), Cuca Ferreira, Amílcar Rodrigues e Douglas Antunes (metais) e Zé Nigro (baixo), que também assina a produção do disco, acompanham a cantora, que ainda toca flauta transversal. “Já foi dito algumas vezes que João Cabral não se interessava muito por música. Mas creio que é porque não teve a chance de ouvir essa homenagem que lhe faz Helô Ribeiro”, disse o músico Luiz Tatit em texto publicado no portal do Sesc São Paulo. Escute aqui *A Paisagem Zero*: <http://bit.ly/APaisagemZero>.



Obra de Sr. Domingos - Expo PORTOS - Foto Bruna Quevedo

Até o mês de novembro, no Sesc Santos, é possível visitar a exposição *PORTOS – Processos Orientados via Território e Ocupações Santistas*, que reúne obras de 61 artistas da Baixada Santista, incluindo seis indígenas, em diferentes linguagens. Idealizada pela equipe técnica da programação da unidade, em parceria com a curadora Ilana Goldstein, também teve a colaboração dos curadores indígenas convidados, Cristine Takuá e Carlos Papá da Aldeia do Rio Silveira. *PORTOS* busca dar visibilidade aos artistas da região e discutir as relações entre produção artística e território. Para agendar sua visita, acesse: www.sescsp.org.br/santos.

FÉRIAS NA PROGRAMAÇÃO

A palavra “férias” pode parecer sinônimo de diversão, viagens, mais tempo para brincar, estar com amigos e outro tipo de convívio familiar, mas no documentário *Férias* (2019, Brasil), o diretor André Meirelles Colazzo registra o contraponto dessa ideia. Para muitas famílias que vivem em cortiços no bairro do Bixiga, região central da capital paulista, esse tempo livre para crianças e adolescentes transforma-se numa espécie de fardo. É neste período do ano, quando se intensificam as relações cotidianas, que a precariedade do tipo de moradia e de lazer ressaltam as desigualdades sociais. O filme estreia na programação do SescTV (consulte o canal na sua operadora) no dia 22 de julho, às 19h, e também estará disponível sob demanda no site do canal. Confira: <https://www.sescsp.org.br>.

PARA SEMPRE, EVA

No dia 15 de maio, fecharam-se as cortinas para a atriz Eva Wilma, que do alto de seus 87 anos de idade dedicou mais de seis décadas ao teatro, ao cinema e à televisão. Inventiva e incansável, ela vinha se dedicando, nos últimos anos, a retomar o contato com a música, o que a levou à criação do espetáculo *Casos e Canções*, ao lado do filho, o violonista John Herbert Jr. No espetáculo, canções que fizeram parte de sua história se entrelaçam a episódios de seus 66 anos de carreira. Parte desse repertório compõe *Eva a Live*, transmitida em setembro de 2020 pelo canal do YouTube do Sesc São Paulo, na programação do *#EmCasaComSesc*. Nele, a atriz ainda faz reflexões sobre o momento atual e traz recordações como a dos tempos das aulas de violão com Inezita Barroso (1925-2015), a quem homenageia cantando *Uirapuru*. Ao final, Eva Wilma apresenta a canção *O Presente É da Gente*, de autoria do filho, em que fala da esperança por um presente melhor. Assista: www.youtube.com/sescsp.



João Caldas

Meu mundo, O LIVRO

O BIBLIÓFILO, ESCRITOR E DIRETOR DO CENTRO DE ESTUDOS DA HISTÓRIA DA LEITURA EM LISBOA FALA SOBRE JORGE LUIS BORGES, PERENIDADE DOS CLÁSSICOS E ERA DIGITAL

Entre chegadas e partidas, Alberto Manguel encontra nos livros sua terra firme. Apesar de ter nascido na Argentina, em 1948, o escritor teve primeiro o contato com as letras e significados das palavras em inglês e alemão, em Israel, onde passou a primeira infância, devido ao trabalho do pai, que era embaixador. De volta a Buenos Aires, aos oito anos aprendeu o idioma que acolhe para responder a esta *Entrevista*. Aliás, foi na capital portenha que na adolescência trabalhou na livraria Pygmalion, onde cultivou amizade com ninguém menos que o poeta e escritor Jorge Luis Borges (1899-1986). De livreiro a diretor da Biblioteca Nacional de Buenos Aires, Manguel foi conduzido pelos livros a diversos trabalhos em outros países, tendo vivido na França, na Espanha, na Inglaterra, na Itália e no Canadá, país do qual adotou a nacionalidade. Além de colecionador, Manguel é autor de livros de ficção e não ficção. Entre suas obras estão o mais recente, *Notas para uma Definição do Leitor Ideal* (Edições Sesc São Paulo, 2020), e *A Biblioteca à Noite* (Companhia das Letras, 2006), que inspirou uma [exposição homônima no Sesc Avenida Paulista](#), em 2019, da qual compartilhou a concepção com o diretor canadense Robert Lepage e a Companhia Ex Machina. Atualmente, o escritor mora em Lisboa, onde assumiu a direção do Centro de Estudos da História da Leitura, espaço que ocupará o Palacete dos Marquês de Pombal, ainda em reforma, e que será a próxima morada de cerca de 40 mil livros de um acervo pessoal. Neste momento em que redes sociais e *fake news* disputam o tempo de leitura de milhões de pessoas em todo o mundo, Manguel defende o papel essencial do livro, “o de suporte inteligente da nossa memória”.





Foto: Carlos G. Vertanesian

Jorge Luis Borges esteve no Brasil em 1986. Deixou uma impressão de um escritor entusiasmado pelo conhecimento e pela literatura. Você leu para Borges ao longo de mais de quatro anos (ele já era praticamente cego). Como foi a convivência? Como ele escolhia os livros que gostaria de ouvir?

Quando Borges ficou cego, ele não deixou de ler. Ele passou a ler por meio de olhos alheios. Havia decidido não mais escrever prosas. Poesia, sim, porque ele dizia que recebia uma música na qual colocava palavras, e essas palavras, ele podia ditá-las. Mas para escrever prosa, dizia: “Preciso ver minha mão escrever”. No entanto, desde meados dos anos 1960, quando o conheci, Borges havia acumulado inúmeros argumentos para suas futuras ficções e, então, decidiu renunciar a sua promessa e voltar a escrever prosas. Mas, antes de começar, o velho profissional decidiu visitar todos os contistas que ele julgava ser os maiores: Stevenson, Chesterton, León Bloy, Henry James e, sobretudo, Kipling. Esses eram os autores que me pedia para ler. O objetivo era prático, mesmo ao se deleitar com essas ficções que conhecia tão bem.

Bioy Casares, que esteve no Brasil em 1995, brincava dizendo que Borges era sua invenção, que Borges jamais existiu. Como você avalia os livros escritos em parceria por ambos?

Esses livros a quatro mãos são obra de um terceiro autor. Um brilhante humorista que tem a erudição e o humor literário de Borges, e o estilo maupassantiano [*referente a Guy de Maupassant, 1850-1893*] de Bioy, e também seu humor muito à Flaubert [*Gustave Flaubert, 1821-1880*]. Assim nasceu Bustos Domecq, um dos escritores mais admiráveis da língua espanhola.

Em sua opinião, como duas pessoas de temperamento tão distinto conseguiram escrever obras em conjunto? Ou Borges, no fundo, tinha um humor ferino como o de Bioy?

Justamente porque eram diferentes é que trabalhavam tão bem juntos. Quando estava na casa de Bioy, esperando com Silvina [*esposa de*

BORGES NÃO GOSTAVA
QUE DESSEM UMA
INTERPRETAÇÃO PESSOAL
À LEITURA DE UM TEXTO.
QUERIA LER ELE PRÓPRIO O
TEXTO, POR OLHOS ALHEIOS

Manguel] a hora do jantar, enquanto Bioy e Borges trabalhavam em um quarto dos fundos, eu os ouvia dar gargalhadas, um ria das piadas do outro. O humor de Bioy era mais amável que o de Borges, menos sarcástico.

Amelita Baltar, questionada sobre qual escritor simbolizaria o estilo portenho, indicou Roberto Arlt como seu preferido. Concorda?

Roberto Arlt era um escritor que queria escrever como Dostoiévski em um castelhano portenho, salpicado de espanholices pedantes. As traduções o melhoraram muito. Se eu tivesse que escolher um escritor “portenho”, escolheria Isidoro Blaisten [*autor de Dublin ao Sul – lançado em português pelo selo A Girafa – e Cerrado por Melancolia, entre outros livros*] ou Osvaldo Lamborghini [*autor de obras como El Fiord e Tadeys*].

Qual é o papel do livro nestes tempos de redes sociais, de fake news e da soberania do audiovisual?

O que sempre teve: o de ser um suporte inteligente da nossa memória.

Costuma-se dizer que um livro precisa de apenas um grande leitor para provocar a diferença no mundo. Lembram sempre de Lenin e sua leitura do *Capital*, de Karl Marx. Ou de Arthur C. Clark, que em muitos de seus livros antecipou a ideia do que viria a ser depois os satélites, desenvolvidos por engenheiros.

Sim, todo livro busca seu leitor ideal. Às vezes, ele o encontra, às vezes não, e segue esperando. Os livros são muito pacientes.

Hoje em dia são cada vez mais comuns os audiobooks. Como lhe parece essa apreensão da literatura por meio da audição? Borges teria gostado deles?

Borges não gostava que dessem uma interpretação pessoal à leitura de um texto. Queria ler ele próprio o texto, por olhos alheios. Para isso, a leitura deveria ser neutra. A leitura em um audiolivro nunca é neutra: ela é sempre interpretada por aquele ator que lê o texto. Não acredito que Borges gostaria disso.

Há quem diga que a literatura argentina possui os melhores prosadores, enquanto a brasileira, os melhores poetas. É possível concordar com essa distinção?

Não. Essas distinções são absurdas. Basta uma Alejandra Pizarnik [1936-1972, *a argentina escreveu, entre outros livros de poesia, Árvore de Diana e Os Trabalhos e as Noites, ambos lançados no Brasil pela Relicário*] e um Machado de Assis [1839-1908, *reconhecido sobretudo por seus contos e romances*] para provar o contrário.

Como foi ser diretor da Biblioteca Nacional de Buenos Aires?

Maravilhoso e difícil. Uma grande experiência de trabalho e uma constante batalha contra a burocracia e as mesquinhas da política. Mas, sobretudo, uma grande aprendizagem que me serve agora que sou diretor do Centro de Estudos da História da Leitura em Lisboa.

Buenos Aires sempre foi famosa por suas livrarias charmosas, assim como Paris. O Brasil inteiro, pelo contrário, possuía menos livrarias do que a cidade de Buenos Aires (em dados anteriores à pandemia). O argentino continua sendo um leitor voraz, mesmo com a renitente crise?

Acredito que sim. Há mais livrarias em Buenos Aires do que em Nova York ou Lisboa.

Robert Darnton, outro intelectual e escritor, que dirigiu a Biblioteca da Universidade Harvard e hoje administra a Biblioteca de Nova York, procurou digitalizar todos os acervos, colocando-os na internet. Qual seria o papel da biblioteca nestes tempos de alta conectividade?

Como leitor, particularmente, não uso a tecnologia digital porque não a necessito (minha biblioteca tem 40 mil volumes) e porque não gosto da leitura em telas. Mas, quando eu dirigi a Biblioteca Nacional da Argentina, me empenhei bastante para desenvolver nosso acervo de textos digitais para facilitar o acesso a leitores remotos. Nesse sentido, toda biblioteca pública tem a obrigação de utilizar todos os recursos técnicos ao seu alcance para beneficiar os leitores.

Acredita que o livro digital, por ter custo geralmente menor que o impresso, trará mais leitores? Ou os habituais leitores irão ler mais por causa do preço menor?

Uma pizza, um videogame, uma carteira de cigarros, tudo isso custa mais que um livro de bolso. E duram menos. As pessoas não se tornam leitoras por muitas razões, e o custo de um livro não é uma delas.

Discute-se bastante como se formar leitores. Existe uma receita?

Não, nenhuma. Apenas se pode dar o exemplo. E esperar que alguém nos imite.

O chamado best-seller é uma entrada para a boa literatura ou é apenas um passatempo que gera leitores para best-sellers?

Há grandes livros que foram best-sellers, desde *Dom Quixote* [de Miguel de Cervantes, 1605] a *O Nome da Rosa* [de Umberto Eco, 1980]. O fato de existir uma grande quantidade de leitores não é uma desonra quando um livro merece ser lido.

TALVEZ A PROVA DE QUE UM TEXTO É MÁ LITERATURA SE DÁ QUANDO
ELE NÃO PERMITE UMA LEITURA QUE VÁ ALÉM DA SUPERFÍCIE, DO QUE ESTÁ EVIDENTE

Em seu livro *O Leitor Como Metáfora* é feita uma crítica aos e-books como suporte para leitura. No seu entendimento, o que existe de prejudicial aos livros nos aparelhos para leitura digital?

Toda a indústria eletrônica (como toda tecnologia) pode ser benéfica ou perigosa. Uma faca pode servir para passar manteiga ou para assassinar. Agora sabemos que o capitalismo frenético usa a tecnologia eletrônica para manipular o cérebro humano de maneira profunda, adestrando-o a escolher certos produtos e seguir certas modas. Impondo um vício aos gadgets assim como às drogas. Não sei se poderemos nos esquivar desse perigo, porque o que governa essa tecnologia hoje não é a vontade de beneficiar a humanidade, mas dar corda à ambição absoluta, ainda que nos custe a vida.

A partir dos Estados Unidos, há uma tendência em criticar visões tidas como racistas, principalmente, chegando ao ponto de banimento de escritores e suas obras, muitas delas escritas há quase um século. No Brasil chegou-se inclusive a retirar trechos de livros de Monteiro Lobato, escritos na década de 1930. Como enxerga essa questão?

A censura nunca resolve nada, pelo contrário. Ela fortalece as ideias que quer combater. Um livro censurado ou uma pessoa censurada adquirem o prestígio de algo secreto. Eu li os livros de Monteiro Lobato na minha infância e gostei muito. Não vi elementos racistas neles. Claro que hoje posso ver que existem, mas, apesar disso, é preciso seguir publicando-os, talvez com alguma introdução comentada. Na maioria dos casos, um livro no qual vemos ideias racistas ou sexistas, se são boa literatura, ele vai permitir outras leituras por meio da ambiguidade que toda boa literatura possui. *O Mercador de Veneza* [William Shakespeare, 1600]

não precisa ser lido como um texto antisemita, nem *A Megera Domada* [William Shakespeare, 1594] como um texto misógino. Eles permitem interpretações mais complexas. Talvez a prova de que um texto é má literatura se dá quando ele não permite uma leitura que vá além da superfície, do que está evidente.

Há também um movimento de origem política desejoso de que a literatura incentive valores como bondade, harmonia, bonança. O que pensa a respeito?

A literatura não é um dogma. Isso é o que a diferencia da propaganda comercial ou da política: a literatura não declama, não discursa. Ela sugere.

Acredita que haja uma literatura feminina, como defendem alguns teóricos e líderes sociais? Se sim, quais seriam suas características?

Não. Há escritores mulheres, homens, negros, brancos, mestiços, altos, baixos, gordos, magros, lindos, feios, criminosos, santos... Mas a literatura não se define pela identidade de seus autores. Se assim fosse, a literatura anônima não poderia existir.

Falou-se bastante de uma literatura latino-americana na década de 1960. Ela existe ou foi só uma jogada de marketing literário?

Claro que existiu. Desde Cortázar [1914-1984] e Onetti [1909-1994], a Vargas Llosa e García Márquez [1927-2014], passando por muitos outros. O marketing se aproveitou da existência dessa simultaneidade de obras-primas latino-americanas.

Gostaria que falasse sobre os diversos países e regiões onde morou. De qual guarda mais afeto?

A LITERATURA NÃO SE DEFINE PELA IDENTIDADE DE SEUS AUTORES.
SE ASSIM FOSSE, A LITERATURA ANÔNIMA NÃO PODERIA EXISTIR

TODO LIVRO BUSCA SEU LEITOR IDEAL. ÀS VEZES, ELE O ENCONTRA, ÀS VEZES NÃO, E SEGUE ESPERANDO. OS LIVROS SÃO MUITO PACIENTES.

Isso levaria muito tempo. Mas guardo uma preferência pelo Canadá, onde vivi muitos anos, e cuja nacionalidade adotei. Agora, por Portugal, que penso ser um dos últimos lugares civilizados da Terra.

Fala-se muito hoje do cinema argentino, com repercussão internacional. E a poderosa literatura argentina se encontra ainda vigorosa?

Não li muitos dos autores argentinos de hoje (há tantos!), mas entre aqueles que admiro estão Eduardo Berti, Daniel Muslip, Rosario Bléfari, Samanta Schweblin, Gabriela Cabezón Cámara...

Por fim, ainda se busca tirar de circulação alguma obra que possa instar preconceitos. Muitas vezes essa proibição vem das redes sociais. Existe algum livro que deveria ser queimado? Ou todos devem ter sua circulação livre?

Nenhum livro deveria ser queimado, nunca. A pena de morte é abominável. E para a sociedade que a impõe, seja a livros ou a seres humanos, é confessar uma derrota. ■

Leia um trecho do livro *Notas para uma Definição do Leitor Ideal* (Edições Sesc São Paulo, 2020), de Alberto Manguel, que reúne 24 ensaios, uma parte é de adaptações de discursos proferidos pelo autor em conferências e congressos, outra parte de artigos publicados em jornais como *The New York Times* e *El País*. Todos eles costurados pela relação entre livros e leitores.



A adolescência talvez seja a melhor idade para conhecer os clássicos. Lembro da surpresa com que, aos 14 ou 15 anos, descobri, na eclética biblioteca do meu pai, os humorísticos diálogos de Platão, as intrépidas histórias de Heródoto, os ardentes poemas de Catulo, os aprazíveis ensaios de Sêneca. Sem que ninguém me obrigasse a estudar nada daquilo e sem que ninguém me dissesse que eram clássicos, eu folheava, em Buenos Aires, os livrinhos da coleção Austral, perguntando-me, com Sócrates, como podemos distinguir o sonho da vigília; espantando-me, com Heródoto, de que os citas guerreassem sobre um mar de gelo; deslumbrando-me, com Catulo, diante da beleza de Lésbia e Juvêncio; desejando, com Sêneca, um jardim recôndito onde me sentar e ler em paz.

Com a idade, boa parte dos textos essenciais se torna, na memória, quase que um lugar-comum, talvez porque nossa experiência faça com que não nos pareçam mais tão surpreendentes e iluminadores como da primeira vez. À medida que o tempo passa, vamos nos apropriando das reflexões dos antigos sábios e passamos a repeti-las não mais como fulgurantes revelações, mas como uma batida confirmação de verdades – ai! – demasiado evidentes: a vida é breve; a felicidade, passageira; a carne, triste; os sonhos da juventude, frustrados; a miséria do mundo, constante. A velhice faz de todos nós pequenos filósofos de uma banalidade avassaladora. (...)

Capítulo A democracia como obra de ficção, p. 17.



Música: Tássia Reis | foto: Roncca

Dança: Canto dos Malditos | foto: Alex Merino

Música: Tom Zé | foto: André Conti

Cinema: Carola música para os olhos | Divulgação

Cinema: Uma vida comum | Divulgação

Farol criativo

Música, literatura | foto: Ana Maranhão



LISTAS DÃO O NORTE
PARA A NAVEGAÇÃO POR
LINGUAGENS ARTÍSTICAS
NAS PLATAFORMAS DIGITAIS

“

Ela precisa ter um tema e contar uma história.” É assim que selecionamos as canções, faixa a faixa, de uma *mixed tape*, segundo Rob, protagonista do best-seller *Alta Fidelidade* (*High Fidelity*, 1996). Escrita pelo inglês Nick Hornby, a obra que se tornou um ícone da literatura pop já foi adaptada para o cinema (2000), para os palcos da Broadway (2006) e para série de plataforma de *streaming on demand* (2020). Até hoje, as citações do personagem, dono de uma loja de discos, são repetidas para quem deseja criar uma playlist. Só que, no lugar da fita K7, as plataformas de *streaming* – com seus algoritmos e profissionais especializados – se encarregam de fazer essa compilação. Para além da música, a cultura das listas e seu recorte curatorial estendem-se para a literatura, o teatro, a dança, o cinema e outras linguagens artísticas. Com narrativas e temas específicos, as listas se tornaram um farol para navegarmos em meio à exorbitante quantidade de conteúdos na internet.

Nos últimos anos, “a humanidade produziu mais dados do que no restante da história humana combinada”, segundo o escritor Michael Bhaskar em *Curadoria: O Poder da Seleção no Mundo do Excesso* (Edições Sesc São Paulo, 2019). No livro, o pesquisador e editor ilustra esse cenário em que temos à disposição 1,5 bilhão de sites e no qual somente o Google recebe mais de 5,6 bilhões de buscas por dia. Ou seja, vivemos num mundo de profusão de produções criadas e disponibilizadas na rede. Sobrecarregados, temos na curadoria uma ferramenta capaz de selecionar, reduzir e nos auxiliar na leitura e apreensão de conteúdos.



Pixabay

“Aberta e de preço baixo, a web mudou a chave da escassez para a abundância em várias áreas. De repente o conteúdo estava em tudo, praticamente grátis e com poucas barreiras para a criação. A forma como as pessoas interagiam com o conteúdo tinha que mudar. Conscientemente ou não, a web nos forçou a agir como os curadores tradicionais, que precisam pensar em seleção, arranjo, explicação e exibição de informações e outras mídias”, escreveu Bhaskar. Para isso, a educação midiática é um pré-requisito, uma vez que você pode não saber o que é uma matéria jornalística, um post patrocinado, um conteúdo viral, uma publicidade, uma notícia manipulada ou uma informação fora de contexto, destacou a presidente executiva do Instituto Palavra Aberta, Patricia Blanco ([leia Entrevista publicada na Revista E nº 285, julho de 2020](#)).

Meio do caminho

Além de uma postura crítica e criteriosa para escolher o que ler, ouvir, ver e apreender na internet, é preciso ter a consciência de que há a interferência dos algoritmos na sugestão de listas de conteúdo. “Podemos dizer que o avanço das listas de recomendações por algoritmo, pelas nossas pegadas nas redes, tem aumentado”, constata a pesquisadora em comunicação digital Pollyana Ferrari, professora do Departamento de Comunicação e do programa Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD), ambos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

No entanto, há uma personalização que só o conteúdo a partir de uma curadoria humana consegue fazer, segundo Ferrari. Por isso, cada vez mais veículos e profissionais de diversas áreas da cultura dedicam-se à seleção curatorial de conteúdos digitais. Dessa forma, quando uma revista literária cria uma lista de obras “Qual o legado da Semana de 1922”, ou quando um site especializado em cinema faz um recorte “Para entender o Cinema Novo”, esses inventários não só orientam o público na busca pelo tema. “Essas listas também têm outro valor. É diferente quando você tem um estudioso do assunto fazendo suas recomendações porque aquela lista, aquele conteúdo, é validado”, explica a pesquisadora.

O que não quer dizer que as máquinas e seus mecanismos de filtragem não tenham valor. “Acho que uma curadoria bem-feita é um mix: ela tem esse olhar de um consultor, de um especialista daquele determinado assunto, mas ela também vai ter essa varredura dos algoritmos pelo volume de informações na rede”, complementa Pollyana Ferrari. Em algum lugar no meio do caminho, a soma desses filtros será imprescindível diante do excesso de conteúdos nas redes sociais, páginas e plataformas digitais.

As máquinas serão parte imensa do processo curatorial ao longo do próximo século, de acordo com Michael Bhaskar, “mas chegaremos ao equilíbrio”, diz. “As curadorias humana e algorítmica atuarão juntas, complementando-se”, conclui o pesquisador. ■

Pontes de DIÁLOGO

RECORTE CURATORIAL DA PROGRAMAÇÃO DIGITAL ABRE CAMINHOS PARA NOVAS CONEXÕES E OLHARES

Durante a pandemia, artistas e grupos adaptaram para as telas linguagens que antes contavam com a interação ou presença física do público. Apesar dessa falta, espetáculos de teatro, de dança, de circo e de música disponibilizados em canais digitais gratuitos puderam alcançar novas audiências. Pessoas que talvez não teriam ido à peça de um determinado grupo, ou ao show daquele artista, foram surpreendidas pela possibilidade de conhecê-los e entrar em contato com novos conteúdos. Em mais de 400 lives nas categorias Teatro, Dança, Música e Criança transmitidas pelas plataformas digitais do Sesc São Paulo entre abril de 2020 e junho de 2021, esse acervo plural de produções artísticas pode ser visto sob demanda e a partir de diferentes leituras.

Para a Gerência de Ação Cultural do Sesc São Paulo, cada recorte temático nas playlists criadas a partir desse acervo equivale a um pequeno festival online. Uma forma de chamar a atenção do público para temas de seu interesse e cuja fruição pode se dar de diversas maneiras. “Dessa forma, a curadoria das playlists ressalta o que vale a pena ver e ouvir de novo, constrói narrativas e amplia repertórios e olhares para a diversidade, sempre levando em conta os valores e a missão do Sesc São Paulo”, explica Adriana Cruz Macedo, assistente da Gerência de Ação Cultural do Sesc.

A criação das playlists em todas as linguagens também permite aos curadores elaborarem novos pontos de vista e significados em cima do conteúdo *on demand*, estabelecendo, assim, novas conexões ao conteúdo publicado. Esse exercício feito de forma continuada garante ao conjunto de apresentações do acervo uma renovação permanente e, também, cria em cada ocasião uma nova ponte de diálogo com outros públicos.

Para Ricardo Tacioli, coordenador de programação do Sesc Digital, as playlists são um caminho para contar histórias, sejam novas, antigas, pouco ou muito conhecidas. “Uma das formas mais interessantes que encontramos para realizar isso é a partir da ocupação criativa de plataformas já existentes. Ou seja: quando ocupamos uma ferramenta, tentamos entender como o público interage com ela e experimentamos meios de extrapolar sua lógica e seu potencial narrativo”, acrescenta.

Conheça algumas dessas playlists:

89 minutos no espaço

Em 12 de abril de 1961, o soviético Yuri Gagarin se tornou o primeiro ser humano a chegar ao espaço. Lançada do Cosmódromo de Baikonur, no atual Cazaquistão, a Vostok passou 89 minutos em órbita. No dia em que o feito completou 60 anos, o Sesc São Paulo reuniu em seus perfis nas plataformas de música Deezer e no Spotify uma seleção de faixas “espaciais” com a duração exata de minutos que o cosmonauta ficou em órbita. Dentre as canções está, claro, *Space Oddity*, de David Bowie. Acesse: www.sescsp.org.br/online/artigo/15257_PLAYLIST+89+MINUTOS+NO+ESPACO.



Reprodução

+ de 12.325
PESSOAS SEGUEM
OS PERFIS DO
SESC SÃO PAULO
NO DEEZER E
SPOTIFY

Música de Cinema

Por trás de um bom filme há sempre uma trilha sonora inesquecível. Assim é feita a curadoria desta playlist para cinéfilos. Na edição atual, *Musicais*, o cinema cantado viaja pelo mundo e através dos tempos. Acesse nos canais do **Spotify e Deezer** do Sesc São Paulo.



Reprodução



Reprodução

#GEEK

Tecnologia, cultura pop, arte, low-fi, indie, eletro, glitch vaporwave, kitsch, 70's, 80's, 90's 00's. A lista é grande! A edição atual traz uma seleção de trilhas de jogos de videogame dos anos 1990 e 2000. Acesse nos canais do **Spotify** e **Deezer** do Sesc São Paulo.



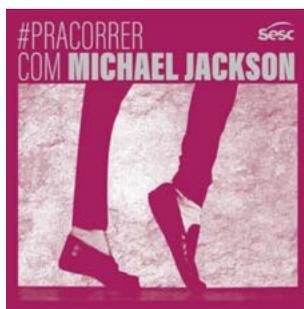
Reprodução

Chora Viola

Com atualizações temáticas bimestrais, esta playlist reúne obras e artistas que cantam os sentimentos da gente do campo. Acesse nos canais do **Spotify** e **Deezer** do Sesc São Paulo.

#pracorrer

A cada mês, um novo treino de 40 minutos é ditado pelo beat de músicas de um "personal trainer" diferente. Como Jorge Ben, Alok, Madonna e Daft Punk. Acesse nos canais do **Spotify** e **Deezer** do Sesc São Paulo.



Reprodução

Nordeste Elétrico

Seleção de faixas em que psicodelia, rock e pop se encontram com a tradição da música nordestina. De Caetano Veloso e Raul Seixas a Ednardo, Amelinha e Cátia de França. Acesse nos canais do **Spotify** e **Deezer** do Sesc São Paulo.



Reprodução



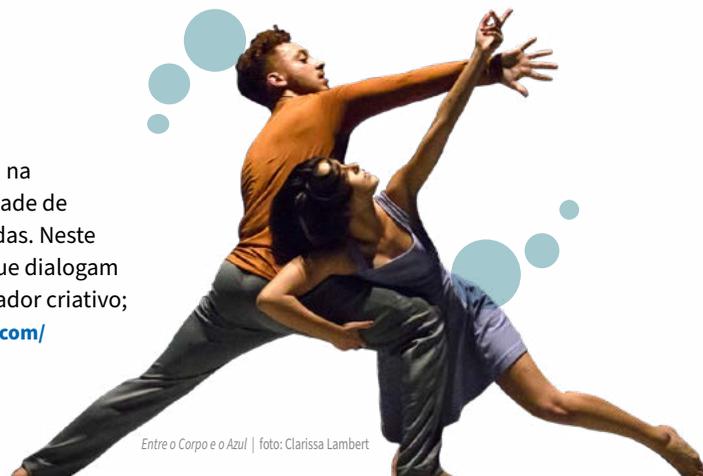
Bete Coelho | Mãe Coragem | foto: Gabriel Fernandes

Teatro #EmCasaComSesc

Dedicada às artes cênicas, a curadoria dessa playlist mostra vários recortes temáticos. Sobem ao palco discussões sobre raça, gênero, diversidade. Também entram em cena veteranos e jovens atores e atrizes interpretando textos contemporâneos e clássicos. Outro recorte dessa playlist dedica-se aos formatos: teatro de grupo/coletivos, solos, experimentações e adaptações. Assista: www.youtube.com/playlist?list=PL0a5GJ0VyQFcc-slmWtg1ZHhe71ukP6Cg.

Dança #EmCasacomSesc

Para essa linguagem artística, a criação da playlist se inspirou na diversidade de corpos, vertentes e temáticas. Diante da pluralidade de experimentações, as obras que dialogam entre si foram agrupadas. Neste recorte, artistas consagrados e jovens; danças negras; danças que dialogam com os espaços privados das casas e o isolamento como disparador criativo; danças urbanas e provocações estéticas. Confira: www.youtube.com/playlist?list=PL0a5GJ0VyQFAR-aXl7oHLPphYDm7UQ27t



Entre o Corpo e o Azul | foto: Clarissa Lambert



Os Palhaços (1970) | Federico Fellini | Divulgação

Cinema #EmCasaComSesc

A curadoria de filmes é feita de modo a oferecer ao público o acesso ampliado às diversas cinematografias mundiais, com filmes de longa e curta-metragem, de gêneros variados e que tratem de temas que discutam a sociedade contemporânea. Nas playlists, o cinema nacional tem forte presença, mas também são exibidas obras das múltiplas culturas, passando por filmes europeus, latino-americanos e do continente africano. Há também a parceria com diferentes mostras e festivais nacionais e estrangeiros, e um espaço, o CineClubinho, voltado apenas para o público infanto-juvenil. Conheça: sesc.digital/colecao/cinema-em-casa-com-sesc.

Música #EmCasaComSesc

Para as lives de música, houve uma seleção de trabalhos com relevância para a história dos gêneros musicais. Seja pela própria biografia do artista, pelos repertórios escolhidos ou por agregar elementos para a compreensão acerca da música brasileira na atualidade. Dessa forma, as playlists conseguem traduzir de maneira sintética e representativa diversos recortes do cenário musical brasileiro, contemplando vários eixos de identidades, gêneros musicais e movimentos artísticos. Assista: www.youtube.com/playlist?list=PL0a5GJ0VyQFCLw-IFgpX4wdSblWFro_5_.



Quadr. José Vinícius Diniz

Leci Brandão | foto: Carlos Torres

Margala Ro | foto: Bob Wilensson

Bob Wilensson | foto: Andréa Possamai



Banda Mirim | foto: Drika Bourquim

Crianças #EmCasaComSesc

Para essa playlist, não poderiam faltar lives de palhaçaria, shows, teatro e teatro de bonecos entre as linguagens artísticas no recorte curatorial dessa programação voltada às crianças. Saiba mais: www.youtube.com/playlist?list=PL0a5GJ0VyQFBI7erVDT4qpSIMSV6S7a6z.

Selo Sesc

O Selo Sesc cria playlists a partir de temas do próprio catálogo. Algumas dessas listas são: Música Popular, Música Instrumental, Música de Concerto e Música para Crianças. Para esse recorte é feita uma curadoria mais direcionada, relacionada aos novos lançamentos do Selo Sesc. Ou seja, para cada playlist, uma história é contada com faixas do acervo desse catálogo. Saiba mais: <https://www.sescsp.org.br/online/selo-sesc/#/tagcloud=lista>



Reprodução

Escolha a SUA!

SUGESTÕES DE CANAIS DE MÚSICA, CINEMA E LITERATURA PARA MONTAR SUA PRÓPRIA LISTA

Quantas vezes você passou horas e horas decidindo qual livro ler, que filme assistir ou que álbum escutar? Às vezes na própria plataforma de *streaming* nos perdemos em meio a tantas opções, mesmo que elas criem listas a partir das nossas últimas escolhas. Caso da Netflix, maior plataforma de vídeos e séries via *streaming* e *on demand*, que lançou oficialmente em abril deste ano o botão *Títulos Aleatórios*. Porém, nem mesmo essa opção é 100% randômica já que os algoritmos gerados a partir das suas últimas seleções irão se encarregar dessa “nova lista”. Por isso, além de pedir indicações aos amigos – o que pode manter você numa mesma bolha de interesse –, vale a pena buscar canais em que a curadoria é feita por especialistas da área. A partir dessas indicações, você mesmo pode montar uma lista de o que assistir, o que ler e qual será o próximo álbum a dar o play.

Quatro Cinco Um

Publicação física e digital, a revista *Quatro Cinco Um*, voltada ao cenário da literatura, reúne notícias, críticas, resenhas e listas assinadas por escritores, editores e pesquisadores. Entre eles, a historiadora Lília Schwarcz e o escritor moçambicano Mia Couto. Além dos textos, é possível acompanhar três podcasts com debates, entrevistas e lançamentos literários. Em um dos episódios recentes do podcast *Repertório 451 MHz*, realizado duas vezes por mês, a editora Paula Carvalho entrevista o líder indígena e filósofo Ailton Krenak, autor de *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* e *A Vida Não é Útil*, ambos editados pela Companhia das Letras. Saiba mais: www.quatrocinco.com.br.



Reprodução

Plano Geral

Site, perfil de Instagram e podcast apresentado pelo jornalista Thiago Stivaletti, e pela documentarista, curadora de festivais de cinema e jornalista especializada em audiovisual Flávia Guerra. Neste canal, a dupla reúne dicas de estreias no cinema, televisão e plataformas de *streaming*. *Plano Geral* também fomenta debates sobre a curadoria de mostras e festivais nacionais e internacionais da sétima arte. Confira: www.instagram.com/planogeral_podcast.



Reprodução

Zumbido

Publicação digital do Selo Sesc, a *Zumbido* coloca em pauta a música como linguagem e componente afetivo da memória. A revista ainda é um espaço para reflexão sobre os diversos aspectos da cadeia musical. Em cada atualização, músicos, artistas visuais, jornalistas e produtores colaboram com textos e indicações de discos e artistas. Algumas playlists dão suporte aos textos publicados, como na matéria *Por que há poucas mulheres na música?*, de autoria da pesquisadora musical Thabata Amaral, acompanhada por uma playlist homônima. Conheça: <https://medium.com/zumbido>.



Reprodução

Mina de HQ

Criado em 2015 pela jornalista e mestre em antropologia Gabriela Borges, o canal *Mina de HQ* faz uma curadoria de quadrinhos nacionais e internacionais feitos por mulheres e pessoas não binárias. Para isso, no site, no perfil do Instagram e, recentemente, em uma revista, a *Mina de HQ* reúne quadrinistas do Brasil para falar sobre esse universo, dar dicas de leitura e escrever resenhas sobre lançamentos e obras que ainda não chegaram ao mercado editorial brasileiro. Confira: www.minadehq.com.br.



Minicadima

LANÇAMENTO SELO SESC



FORRÓ DE RABECA

MESTRE LUIZ PAIXÃO

DISPONÍVEL NAS PLATAFORMAS

Sesc
digital



Saudado como instrumentista virtuoso, **Mestre Luiz Paixão** nos brinda com seu novo álbum, **Forró de Rabeca**. Sambas, Forrós, Cocos, Cirandas e Cavalos-Marinheiros tradicionais escolhidos a dedo, se mesclam à composições de autoria do mestre, evidenciando que o *Paganini da Rabeca* é também um autor a ser celebrado!

selo
Sesc

Visite a loja virtual e
conheça o catálogo completo
sescsp.org.br/loja

    /selosesc



Sopro de engenho e SENSIBILIDADE

O PROFESSOR, HISTORIADOR E CRÍTICO LITERÁRIO ALFREDO BOSI DEIXA
OBRA FUNDAMENTAL PARA ENTENDER A CULTURA BRASILEIRA

Um dos grandes pensadores e humanistas brasileiros do século 20 atravessou boa parte da vida em sala de aula, lecionando para as gerações que passaram pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Fiel ao ofício, a atividade docente foi central no caminho percorrido pelo professor, ensaísta, historiador e crítico literário Alfredo Bosi, que morreu em 7 de abril passado, aos 84 anos, em decorrência da Covid-19.

Outros pontos focais em sua carreira foram a intensa dedicação às ações sociais, políticas e ambientais e a constante luta em favor da democracia e pela justiça social. Isso tudo faz de Bosi, ocupante da cadeira número 12 da Academia Brasileira de Letras, exemplo de intelectual que se engajou com coragem nas causas de seu tempo. Uma trajetória de dimensões ímpares, iniciada na mesma USP, em 1958, quando se graduou em Letras Neolatinas. Na sequência, seguiu para a Itália, país de seus antepassados, para estudar estética e filosofia da Renascença na Università degli Studi di Firenze.

O professor emérito da
Universidade de São Paulo,
crítico e historiador literário
Alfredo Bosi em 2006

De volta a São Paulo, em 1962, retomaria o ensino de literatura italiana. Em 1964, obteve o doutorado com a tese *Itinerario della Narrativa Pirandelliana* e, em 1970, a livre-docência (com tese intitulada *Mito e Poesia em Leopardi*). Nesse mesmo ano, passou a lecionar literatura brasileira na USP, dando início a percurso singular na crítica literária. É dessa época, ainda, o lançamento do clássico *História Concisa da Literatura Brasileira*, atualmente na 52ª edição (ver boxe *Lições do mestre*), obra essencial na formação em Letras no país, e que ele publicou com apenas 34 anos.

IDEIAS ORIGINAIS

“Bosi pertence a uma geração de pensadores que, a partir de seus saberes específicos, conectaram duas temporalidades”, escreveu Danilo Santos de Miranda, diretor do Sesc São Paulo e ex-aluno do crítico, em artigo publicado em homenagem ao professor no jornal *Folha de S.Paulo* de 9 de abril deste ano.

“Numa ponta, reluz o Brasil do modernismo dos anos 1920 e dos grandes intérpretes das décadas de 1930 e 1940, notadamente Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior e Gilberto Freyre, que estabeleceram os alicerces para a compreensão de nossa contraditória modernização. Na outra ponta, temos a nação do século 21, ainda na busca por, enfim, assentar sua experiência democrática, que reconhece a diversidade cultural como patrimônio, mas vacila em superar a mácula da desigualdade – mácula que tem no âmbito educativo um de seus mais enfáticos sintomas”, analisou. ▶



Guilherme Gonçalves | Arquivo da Academia Brasileira de Letras

Alfredo Bosi durante a conferência *Leitura de Infância*, de Graciliano Ramos, na Academia Brasileira de Letras, em 25 de março de 2014

► Na opinião da professora emérita da FFLCH-USP Walnice Nogueira Galvão, o Brasil de hoje, marcado pela polarização ideológica e grande intolerância para o debate cultural, evidencia o quanto o legado de Bosi é imensurável. “Sem dúvida, trata-se de um momento de perigo para as instituições democráticas. É num tal lance de risco que mais faz falta um intelectual do calibre de Alfredo Bosi, tornando sensível essa lacuna nas fileiras progressistas”, destaca.

Walnice ressalta os aspectos que, em sua visão, fazem de Bosi um luminar dos tempos atuais: “O ponto de maior investimento humanista pode ser encontrado nas perquirições efetuadas por Alfredo Bosi quando abordou os mais altos voos líricos da poesia universal. Em sua obra, na qual nunca faltou como um moto-contínuo o ajuste de contas com nosso passado colonial, fonte de tamanha iniquidade social, esses encontros com a poesia afloram como uma homenagem à potência da literatura, na qual valores maiores são resguardados”.

A ESPERANÇA NO COLETIVO

“Meu pai sempre mantinha, no fundo de si, alguma esperança de que seria possível, afinal, superar, pelo empenho coletivo, os males da situação atual. Embora decepcionado com os rumos da nossa política, ainda acreditava no trabalho consciente de tanta gente séria e generosa para melhorarmos o país”, reflete Viviana Bosi, professora do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP.

A docente e José Alfredo, economista, são filhos de Alfredo e Ecléa Bosi (1936-2017), psicóloga, escritora, professora, um dos maiores nomes da psicologia social no Brasil e a grande companheira do intelectual durante a vida.

“Lembro-me com saudade do seu entusiasmo vigoroso e da sua capacidade para compreender e ir na direção de auxiliar todos os que precisavam, à sua volta. Ele era uma pessoa dadivosa, preocupada em distribuir o que tinha de melhor para os que mais necessitavam”, rememora Viviana. Alfredo Bosi ►

Lições do mestre

UMA SELEÇÃO DE OBRAS IMPERDÍVEIS PARA MERGULHAR NO PENSAMENTO DO CRÍTICO

Alfredo Bosi publicou mais de 20 livros, entre eles *História Concisa da Literatura Brasileira*, de 1970, considerado um cânone. Recebeu o prêmio Jabuti duas vezes. Uma por *Dialética da Colonização*, de 1992, e outra por *Machado de Assis: o Enigma do Olhar*, lançado em 1999. Confira uma lista dos seus principais títulos:



História Concisa da Literatura Brasileira

(Cultrix, 1970)

Dividido em oito partes, é dedicado aos estudantes universitários, professores e pós-graduados, e reconhecido como a melhor obra do gênero.



O Ser e o Tempo da Poesia

(Cultrix, 1977; Companhia das Letras, 2000)

Composto por seis ensaios, venceu o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) no ano de seu lançamento.

Reflexões sobre a Arte

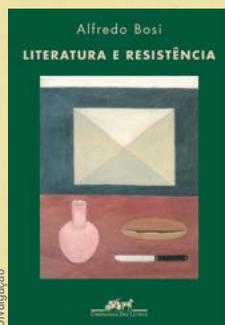
(Editora Ática, 1985)

Em 80 páginas, a obra traz a visão de Bosi sobre os fenômenos artísticos.

Dialética da Colonização

(Companhia das Letras, 1992)

Livro que condensa uma interpretação do Brasil, apresenta, com sensibilidade, as formas históricas que enlaçaram colonização, culto e cultura.



Literatura e Resistência

Coletânea de ensaios sobre Basílio da Gama, Lima Barreto, Euclides da Cunha, Graciliano Ramos e João Antônio, entre outros nomes.



Ideologia e Contraideologia

(Companhia das Letras, 2010)

Apanhado de seis séculos de história da civilização ocidental, em busca dos momentos decisivos da luta intelectual entre dominados e dominadores.



Três Leituras: Machado, Drummond, Carpeaux

(Editora 34, 2017)

Aqui, Bosi escreve sobre os três autores, que são fundamentais para a cultura brasileira: Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade e Otto Maria Carpeaux.

Machado de Assis: O Enigma do Olhar

(Ática, 1999; WMF Martins Fontes, 2020)

Título que engloba ensaios em torno do olhar machadiano e suas nuances.

Arte e Conhecimento em Leonardo da Vinci

(Edusp, 2019)

Neste ensaio, o intelectual reflete sobre o processo criativo do mestre florentino.





Mauro Belleser | IEA-USP

Antonio Candido e Alfredo Bosi conversam enquanto aguardam o início da *Jornada Alfredo Bosi: Cultura e Resistência*, promovida pelo Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, em 22 de agosto de 2006

► também ocupou o cargo de diretor (1998 a 2001) e vice-diretor (1987 a 1997) do Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP, além de ter sido editor da revista *Estudos Avançados* (1989 a 2019). Sobre esta última função, a professora Viviana Bosi relata:

“Meu pai procurava articular, na revista do IEA, as várias áreas do conhecimento com propostas concretas de atuação para resolvermos problemas importantes, como a saúde e a educação públicas de qualidade, a preservação dos biomas, flora e fauna, a causa indígena, a discriminação racial, a desigualdade econômica, as fontes limpas de energia e tantas outras questões”, enumera.

MILITANTE INCANSÁVEL

Bosi presidiu, ainda, o Centro de Defesa dos Direitos Humanos Dom Paulo Evaristo Arns entre 1982 e 1984, era membro da Comissão de Justiça e Paz desde 1987 e foi ativo na luta pela redemocratização. Antes, na década de 1970, a atuação como militante

destacado das Pastorais Operárias em Osasco seria marcante na biografia do professor. A experiência atesta a contribuição de Bosi para a consolidação das comunidades eclesiais de base, formadas, em sua maioria, por membros da Igreja Católica identificados com a doutrina da Teologia da Libertação.

Os anos de trabalho na pastoral, enquanto corria a ditadura militar, foram tema do ensaio *O Testemunho de Velhos Militantes: Singela Homenagem a Alfredo Bosi*, do professor Paulo de Salles Oliveira, titular do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, do Instituto de Psicologia da USP.

Na produção do artigo, de 2011, Oliveira entrevistou antigos militantes, jovens migrantes à época, que fizeram parte daquele movimento. Colheu depoimentos emocionados, como o da líder comunitária Marinete de Brito Brasil. “Nós nem sabíamos que ele era professor”, relatou Marinete, no ensaio. “O Bosi, para nós, não é o professor; o Bosi para nós não é apenas o amigo. O Bosi para nós é uma pessoa *nossa*, uma pessoa *da gente*.” ■

Intérprete agudo do presente

PUBLICAÇÃO CONFIRMA A ATUALIDADE DO LEGADO DO INTELCTUAL

R*eflexão Como Resistência* (Edições Sesc São Paulo e Companhia das Letras), livro-homenagem de 2018, traz a correspondência inédita mantida entre Alfredo Bosi e nomes como Murilo Mendes, Darcy Ribeiro e Otto Maria Carpeaux, além de estudos e ensaios. O tributo conta com, ao todo, 52 colaboradores, muitos deles ex-alunos de Bosi na USP. A organização é de Augusto Massi, Erwin Torralbo Gimenez, Marcus Mazzari e Murilo Marcondes de Moura, professores da FFLCH-USP.

Para Massi, a seção “Cartas na mesa” é um dos pontos altos do livro. “Através destas cartas, podemos compreender que ele não era um homem voltado somente para o passado, pelo contrário, foi um intérprete agudo do tempo presente, dialogando com a obra de prosadores como João Antônio e Dyonélio Machado assim como com os poetas, entre eles, Carlos Drummond de Andrade e Ferreira Gullar. Isso sem falar em intelectuais da estatura de Antonio Candido e Celso Furtado”, diz o organizador, que mantinha uma duradoura amizade com o mestre.

“Em nossas conversas, a política e a poesia estavam sempre presentes. Este estranho par está bem articulado e entranhado nas premissas teóricas de *Ideologia e Contraideologia*, cabendo à poesia [*contraideologia*] confrontar a política [*ideologia*]. Foi o horizonte crítico que nos propusemos a resgatar na homenagem coletiva de *Reflexão Como Resistência*. Esse é um conceito e uma práxis que atravessa o pensamento militante do Alfredo Bosi. A poesia é uma forma privilegiada de resistência”, acrescenta Massi.

Para refletir sobre como o intelectual encarava os tempos atuais, Augusto Massi pontua: “Quero lembrar uma frase do escritor francês Romain Rolland, posteriormente resgatada por Antonio Gramsci, e que reflete de forma adequada a postura que Alfredo Bosi procurava adotar ao enfrentar a brutalidade dos tempos atuais: *O pessimismo da inteligência e o otimismo da vontade*”.

A seguir alguns excertos de *Reflexão Como Resistência: Homenagem a Alfredo Bosi*.

Carta de Raduan Nassar, 25 de fevereiro de 1999

“Li ‘Camus na festa do Bom Jesus’ só na última segunda, entre três e cinco horas da madrugada (...). Se contei poucas horas depois com o silêncio para acompanhar a tua análise, transitei por outro lado, o tempo todo, entre a leitura do ensaio e o sentimento de que você estivesse me estendendo a mão através dele, o que se confirmou aos meus olhos efetivamente na exortação cheia de luz com que você fecha o teu trabalho.”

Carta de Celso Furtado, 1º de março de 1993

“O seu mapeamento descritivo do acontecer brasileiro no período colonial, resumido em oito pontos, é sem precedente em nossa historiografia pela abrangência e acuidade. A ‘síntese apertada’ em que você integra as dimensões econômica, social e política que engendram o estilo de convivência patriarcal e estamental é particularmente feliz.”

Carta de Otto Maria Carpeaux, 31 de dezembro de 1970

“Querido amigo Bosi, recebi hoje seu livro [*História Concisa da Literatura Brasileira*] e mal posso lhe dizer da minha emoção. No fim de um ano que certamente não foi dos melhores das nossas vidas, essa grande alegria – não, a melhor das alegrias: testemunho de uma grande e preciosa amizade e a honra de ver meu nome impresso na mesma página dedicada à sua senhora.”



Divulgação



Faces da experimentação

O PIONEIRISMO DE ANNA BELLA GEIGER, ESCULTORA,
PINTORA, GRAVADORA E ARTISTA INTERMÍDIA

Em sua vasta trajetória, Anna Bella Geiger, 88 anos, concebeu obras que figuram como potentes reflexões sobre o Brasil e seus paradoxos. Um dos trabalhos mais emblemáticos de sua carreira data de 1976-1977 e é, também, atemporal: *Brasil Nativo/Brasil Alienígena*. Composta por 18 cartões-postais, a série propõe uma releitura do cotidiano dos Bororo, povo indígena do Mato Grosso, a partir de retratos da artista nos quais reproduz cenas idealizadas da vida dessa população, constantemente desprotegida pelo poder público. A obra também deu nome a uma exposição realizada entre novembro de 2019 e março de 2020 numa parceria entre o Sesc São Paulo e o Museu Arte de São Paulo (*leia mais na edição nº 280 da Revista E*) e ao livro *Anna Bella Geiger: Brasil nativo, Brasil alienígena* (Edições Sesc São Paulo e Masp, 2019), organizado por Adriano Pedrosa e Tomás Toledo.

Assim, em plena ditadura, Anna Bella questionava as narrativas hegemônicas e a história oficial. Caracterizada pela constante busca pela experimentação estética, a criadora tem sua obra amplamente examinada no livro *Anna Bella Geiger*, segundo volume da coleção *Arte, Trabalho e Ideal*, publicada pelas Edições Sesc São Paulo (*veja box* Testemunha de seu tempo). A organização é de Fabiana de Barros, artista plástica, Marcia Zoladz, jornalista e editora de imagem, e Michel Favre, cineasta e fotógrafo.

“*Arte, Trabalho e Ideal* com Anna Bella Geiger convida o leitor a pensar sobre o trabalho da artista sob o seu próprio ponto de vista. Anna Bella foi entrevistada pelo curador Pablo León de la Barcae; durante a entrevista, ela demonstra como a sua biografia está intimamente ligada à construção de sua obra em sua extensa carreira”, explicam os organizadores.

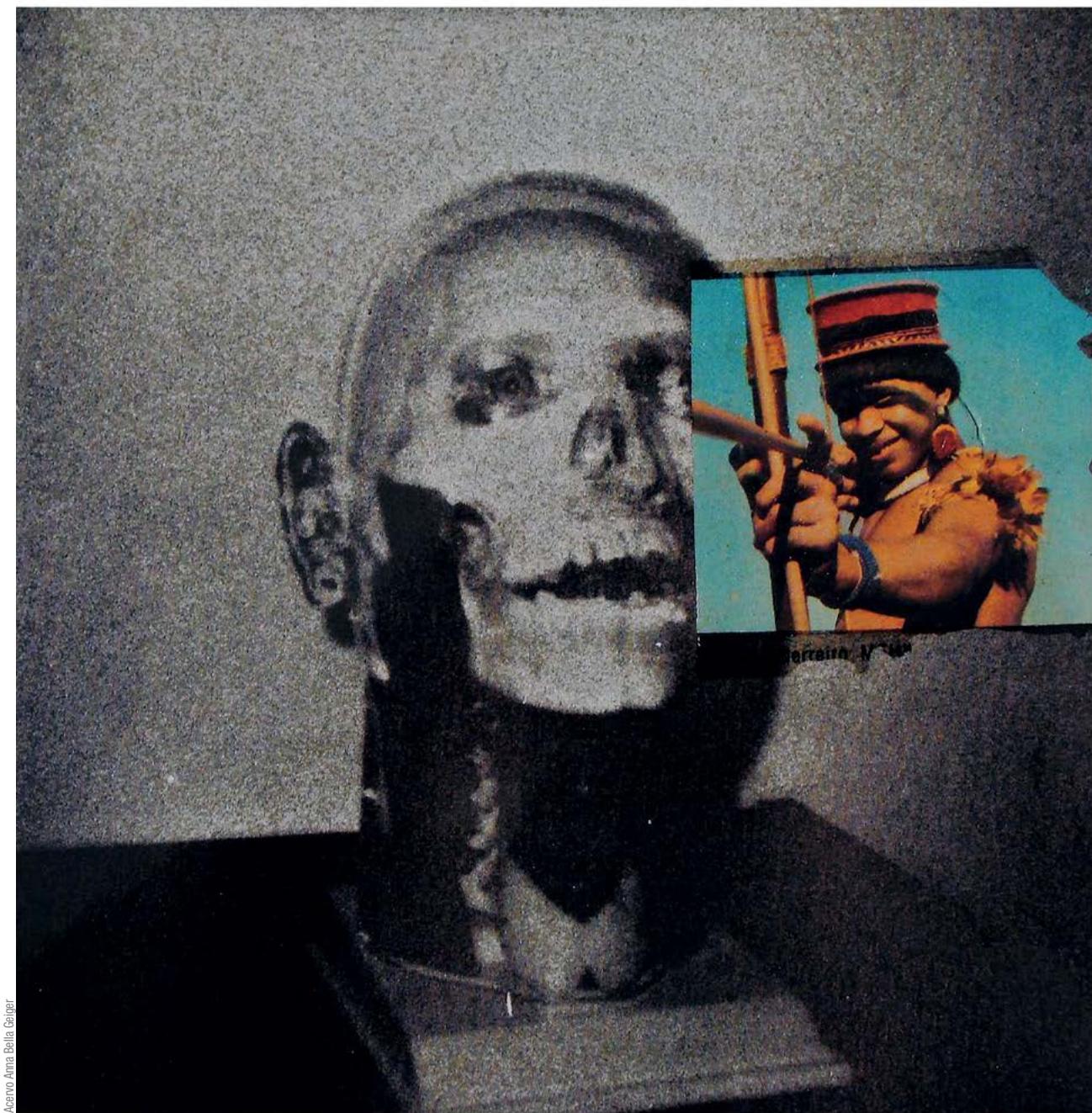
DE INOVAÇÃO EM INOVAÇÃO

Precursora da arte abstrata em terras brasileiras, a carioca participou da histórica exposição inaugural do movimento, em fevereiro de 1953, no Hotel Quitandinha, em Petrópolis (RJ). Nas décadas seguintes, alcançou o domínio de variados suportes, formatos e linguagens, sempre transpondo simbologias e dimensões de natureza pessoal e política, transitando com fluência pelo conceitual.

Presente no acervo de importantes instituições, como o Tate Modern, de Londres, e o Centre Pompidou, em Paris, Anna Bella iniciou estudos de desenho e gravura nos anos 1950, com a gravadora brasileira Fayga Ostrower (1920-2001), de origem polonesa, como a aluna. Partiu para Nova York em 1954, onde frequentou as aulas da historiadora da arte alemã Hannah Levy (1912-1984) no The Metropolitan Museum of Art (MET).

Participou, entre 1960 e 1965, do ateliê de gravura em metal do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ), organização da qual também se tornaria professora. Nos anos 1970, a artista impulsionou a aplicação de novos formatos em suas produções, sendo pioneira na videoarte no país. No período, abraçaria também a fotomontagem, fotogravura, xerox e Super-8. ■

◀ Detalhe de um cartão-postal da série *Brasil Nativo/Brasil Alienígena*, 1976-1977, série com 18 cartões-postais



Acervo Anna Bella Geiger

História Do Brasil: Little Boys & Girls, fotografias e colagens, fotocolagem, 1975



Acervo Anna Bella Geiger

Detalhe de *BU-RO-CRA-CIA*,
da série *Sobre a Arte*,
pintura, cor, 1975

TESTEMUNHA DE SEU TEMPO

LIVRO EXAMINA BUSCAS ESTÉTICAS DA CRIADORA POR MEIO DE IMAGENS, ENSAIO E ENTREVISTA

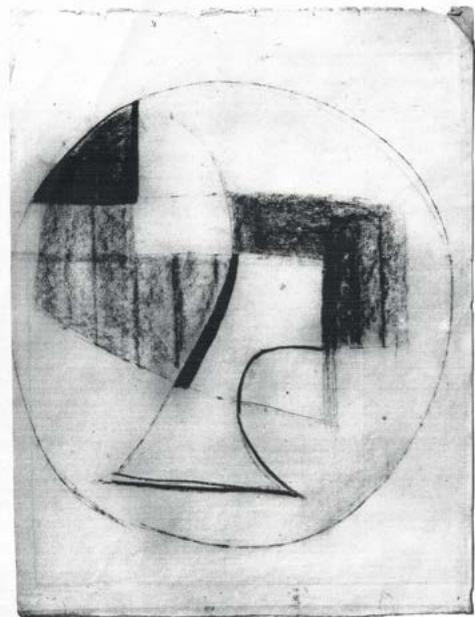
Aнна Bella Geiger, edição bilingue, mergulha nas diferentes fases da artista em 156 páginas, que trazem um amplo apanhado iconográfico de suas obras. Os organizadores do livro, Fabiana de Barros, Marcia Zoladz e Michel Favre, relatam como se deu a seleção dos trabalhos que estão na publicação. “Conhecíamos a obra da artista e sabíamos que algumas deveriam fazer parte. Acharmos importante incluir obras recentes, como a instalação do Rose Sélavy, no Solar dos Abacaxis, no Rio de Janeiro, em 2018. Ou ainda a série *BU-RO-CRA-CIA*, iniciada em 1979 e constantemente revisitada pela artista. Além disso, ela generosamente nos deu acesso ao seu acervo de trabalhos e ainda ao seu arquivo de fotos pessoais, e participou da escolha”.

O volume apresenta, ainda, uma conversa entre a homenageada e Pablo León de la Barra, curador-geral da América Latina no Museu Solomon R. Guggenheim de Nova York e curador-chefe do Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC). Na entrevista, concedida nos meses de fevereiro e novembro de 2018, Anna Bella falou sobre o papel do artista em tempos difíceis: “Entendo que, como artista, preciso ter uma estratégia a fim de poder observar que esse ainda é um bom momento no qual as pessoas estão conseguindo conversar, discutir. É para isso que nós, como artistas, lutamos através do significado de nossa obra e de nossas ideias, para que todos possam se tornar cidadãos plenos”.



Acervo Anna Bella Geiger

Menino Negro, gravura em metal, 1950



Sem Título,
desenho a
carvão, 1950

Acervo Anna Bella Geiger



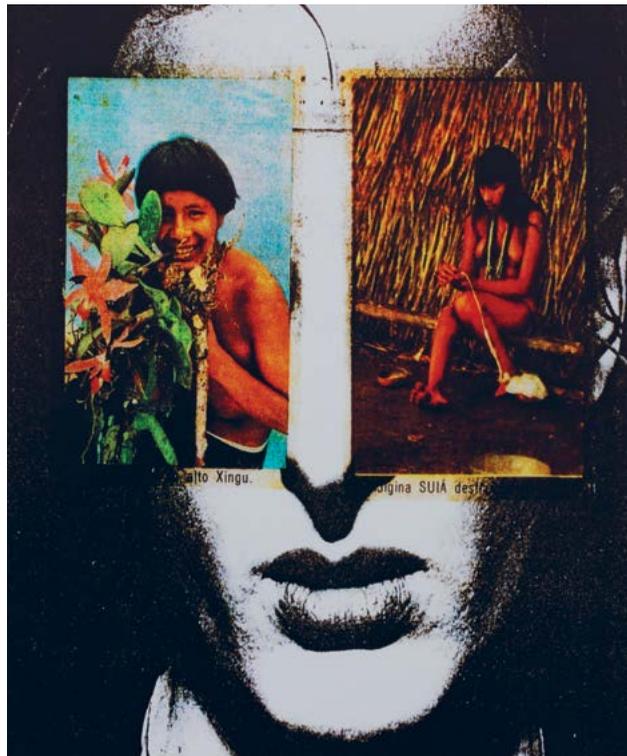
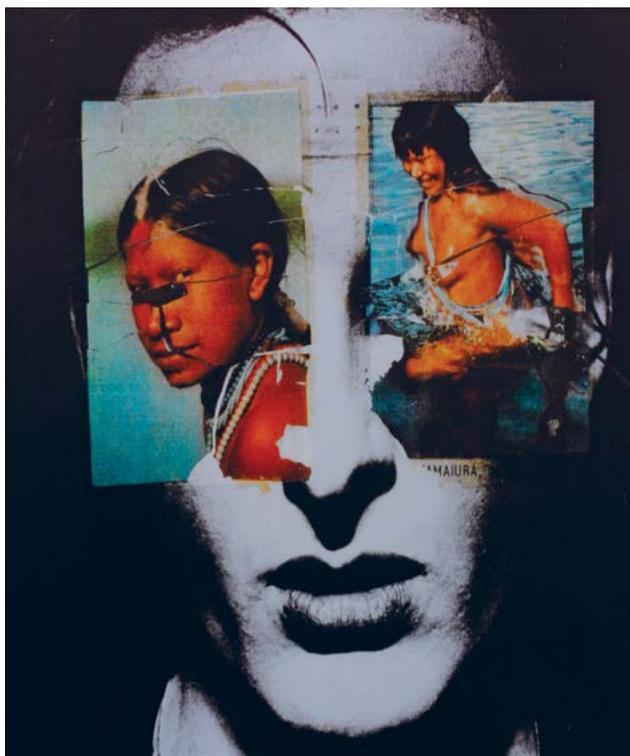
Sem Título, Colagem, 1951

Acervo Anna Bella Geiger



Sem Título, Fase Visceral, Objetos Tridimensionais, 1966-1977

Acervo Anna Bella Geiger



Acervo Anna Bella Geiger

História do Brasil: Little Boys & Girls,
fotocolagem, ambas, 1975

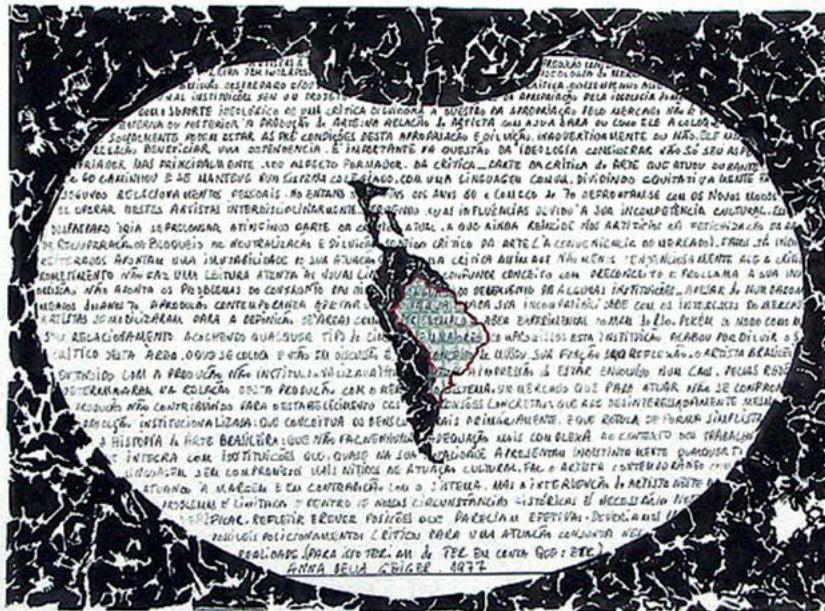


Rollinhos/Little Scrolls, ▶
escritos, desenhos
e colagens sobre
papel-pergaminho, 1998

◀ *3 Colunas com
Camuflagem,* chumbo e
papel-pergaminho, 2005

Acervo Anna Bella Geiger





Anna Bella Geiger

Acervo Anna Bella Geiger

O Espaço Social da Arte II,
desenho a lápis e nanquim, 1977



Acervo Anna Bella Geiger

Intolerância, série Migrações, ▶
gesso, pintura a óleo,
pigmento azul-cobalto, 2017

Rose Sélavy, ensaio,
serigrafia impressa sobre
página de jornal, 2008

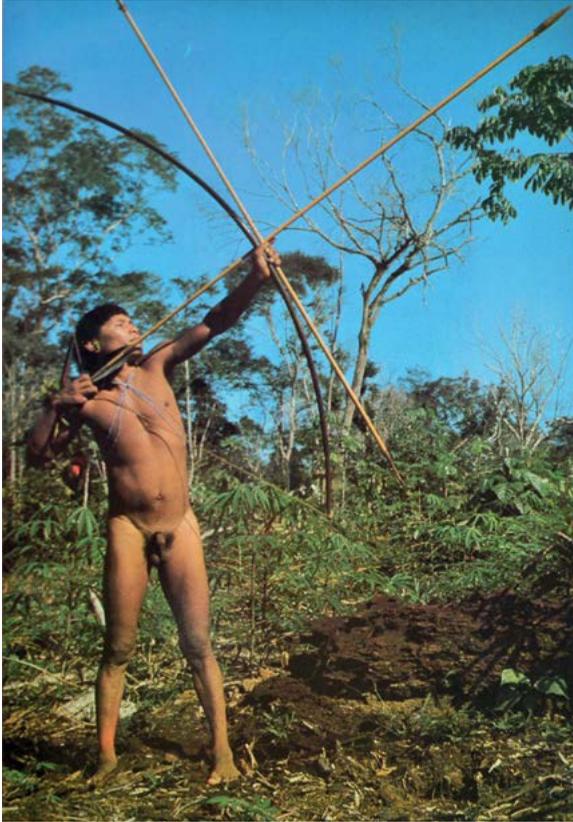


Arquivo do Centro de Pesquisa do Masp | Foto: Eduardo Ortega

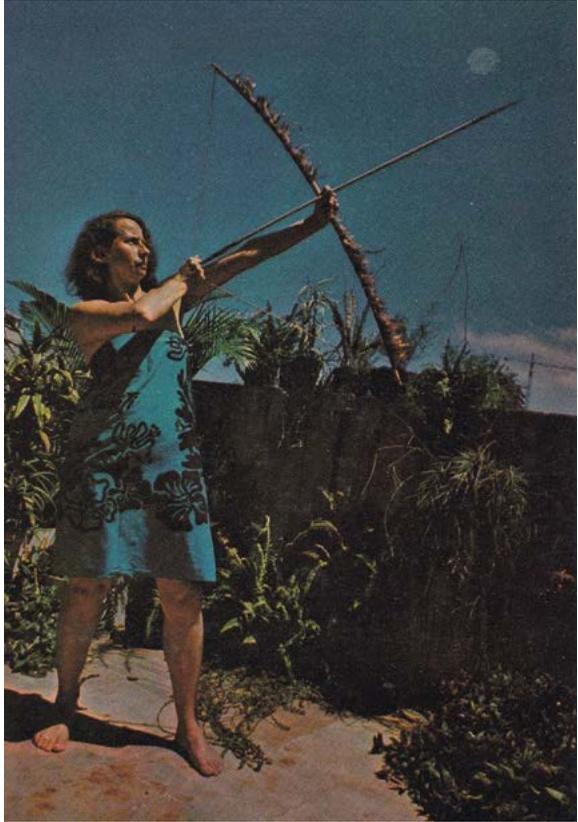
Local da ação com Euhropa/Bras. Am. Lat., série Fronteiriços, gaveta de arquivo de ferro, encáustica, folhas de flandres e fios de cobre, 1995



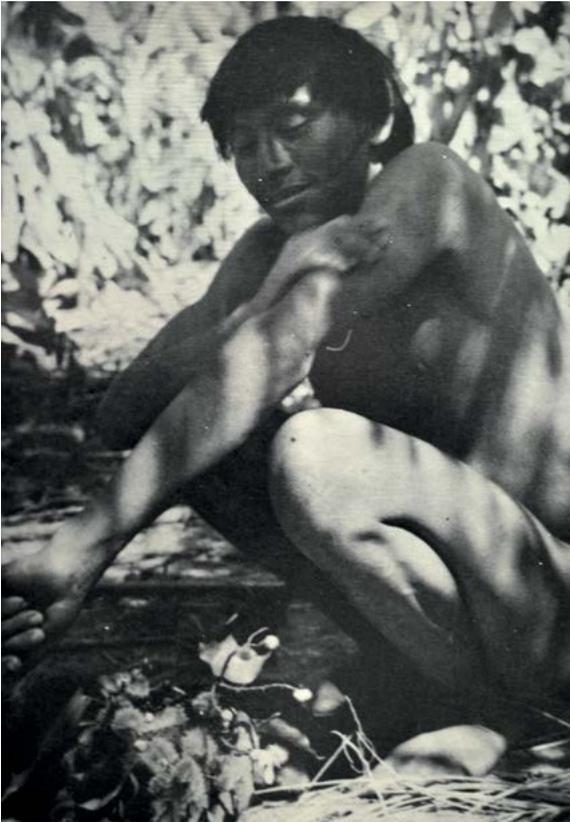
Arquivo Anna Balia Geiger



Luiz Carlos Velho



Luiz Carlos Velho



Luiz Carlos Velho



Luiz Carlos Velho

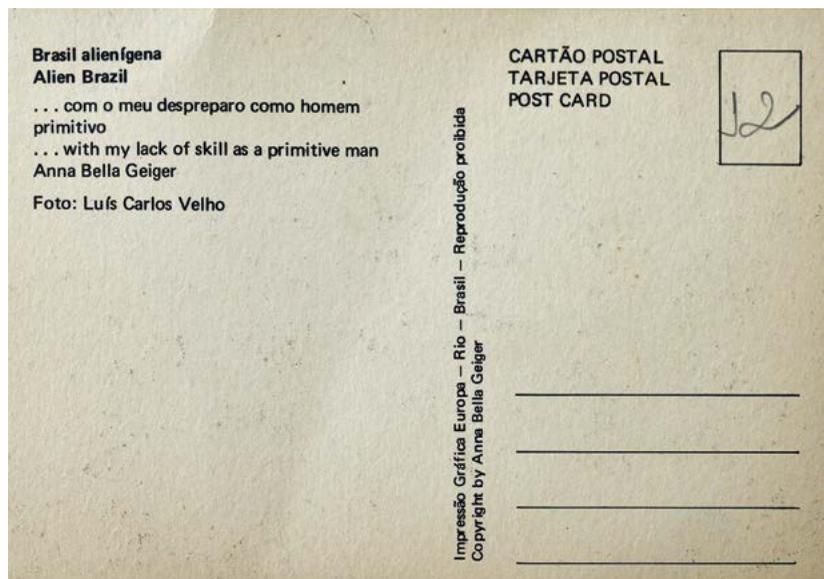


Luiz Carlos Velho



Luiz Carlos Velho

Imagens da série *Brasil Nativo/Brasil Alienígena* (composta por 18 cartões-postais), 1976-1977



Acervo Anna Bella Geiger

No verso do
 cartão-postal,
 o texto:
 “... com o meu
 despreparo como
 homem primitivo”



Espiral, Circumambulatio Ambiente Parcial, video, 1972

Thomas Lewinsohn



Circumambulatio, ►
the body of the
artist, 1972

Ambiente Parcial,
Espiral, 1972

Thomas Lewinsohn



Thomas Lewinsohn



Órgão Ocidental, ►
Fase Visceral,
desenho, guache,
ecoline e
nanquim, 1966

Sem Título,
Fase Visceral,
guache sobre papel
com recortes e
dobras, 1967

Fígados
Conversando,
Fase Visceral,
água-forte,
água-tinta e
recorte, 1968





Acarvo Anna Bella Geiger

EW18 com Mapa da África,
bordado, alfinetes e folhas
de metal colados sobre tela, 2014





Ser humano e atleta

NEM DEUSES NEM HERÓIS, PROTAGONISTAS NO ESPORTE E NA SOCIEDADE TÊM MUITA HISTÓRIA PARA CONTAR

Cabeça, músculos, ossos, tendões. Cada parte do corpo exerce um papel fundamental na engrenagem do organismo humano durante o exercício físico. Só que, para esportistas profissionais, esse desempenho precisa superar metas, bater recordes e se destacar de outros competidores. Para isso, dedicam horas e horas de treinos diários e têm uma alimentação específica. Tudo isso para um dia chegarem ao pódio mais alto e almejado, as Olimpíadas e Paralimpíadas, que neste ano serão realizadas em Tóquio (Japão), a partir deste mês. Para além do cenário esportivo, o público, focado nas competições e medalhas de seus ídolos, ainda desconhece quem são esses e essas atletas e paratletas. E poucos têm conhecimento da importância do papel de cada um deles e delas na sociedade.

São homens e mulheres que ainda enfrentam a homofobia, o racismo, o preconceito de gênero e tantos outros tipos de violência. Profissionais que, apesar de vivenciarem esses desafios, assumem um importante papel social pela defesa da representatividade. Afinal, enquanto a discussão sobre diversidade estiver presente em todas as esferas da sociedade, será possível transformar intolerância em empatia. Cai o mito, ou a ideia de herói e heroína, para dar lugar a atletas de carne e osso, e toda sua complexidade.

Curadora da exposição *Ser Atleta* (leia boxe *Diversidade na prática*), a professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) e psicóloga Katia Rubio investiga há mais de 20 anos a trajetória dos atletas olímpicos nesse ambiente diverso. “Entendo que aquilo que mobiliza o papel social do atleta é essa relação com o mito do herói. Um feito atlético, do ponto de vista olímpico, imortaliza o seu protagonista e isso é inegável. Diante da impossibilidade de negar esse fato, queremos mostrar com a exposição que, para além disso, o atleta é essencialmente humano, e, na condição de ser humano, suscetível a todas as mazelas da sociedade. Mazelas de seu tempo histórico, da sua classe social, da sua identidade”, explica.

Por isso, a exposição abrange cinco eixos da diversidade, em referência aos cinco arcos olímpicos. São eles: *Ser Diferente?*, *Ser LGBTQIAP+*, *Ser Migrante*, *Ser Mulher*, e *Ser Negra e Ser Negro*. Cada um é composto por quatro atletas olímpicos e dois paralímpicos que, por meio de fotos, vídeos, textos, animações e áudios, contam suas histórias de pertencimento e identificações sociais. “Fomos em busca de histórias significativas que revelam não apenas o protagonismo do atleta do ponto de vista de sua habilidade, mas seu protagonismo social. Isso significa buscar esses outros papéis que o atleta protagoniza e o impacto disso na sociedade”, complementa.

Conheça a história de cinco representantes notáveis do esporte, que participam de cada arco temático da exposição *Ser Atleta*:



SER NEGRA E SER NEGRO

ALFREDO GOMES (1899-1963)

Atletismo

O paulista Alfredo Gomes sai na frente na história do atletismo brasileiro ao representar o país nos Jogos Olímpicos de Paris, em 1924, e ao vencer a primeira edição da São Silvestre no ano seguinte. Ele foi o primeiro atleta negro a compor uma delegação olímpica brasileira. Neto de escravizados, nasceu em 16 de janeiro de 1899, na cidade de Areias, interior de São Paulo, de onde seguiu com a família rumo à zona leste da capital em 1914.

Apesar de ter demonstrado interesse inicial pelo futebol, jogando pela agremiação Guarani do Tatuapé, foi com a prática do atletismo, iniciada com a mudança para o Esporte Clube Corinthians, que sua carreira começou a ser traçada. No entanto, o sucesso veio com a troca para a pista de atletismo do Clube Esperia. Apaixonado pelo esporte, Alfredo Gomes ignorou o desprestígio e condições precárias em que se encontrava a modalidade nos anos 1920. Treinava sem técnico, mas mantinha um regime disciplinado de práticas.

Aos 20 e poucos anos, figurava entre os principais nomes do atletismo brasileiro, quebrando recordes e liderando, ao lado de outros atletas, o movimento esportivo metropolitano. Paralelamente aos treinos, Alfredo trabalhava como técnico de telefonia para a Cia. Telefônica Brasileira (CTB), na qual se tornou inspetor de telefonia. Atividade que exerceu por 51 anos, atuando também no sindicato de sua categoria.

Os seis meses que involuntariamente passou na França, por conta da Revolta Tenentista de 1924, acabaram corroborando para o seu aprendizado dos idiomas inglês, italiano, alemão e francês. Na Europa, também enfrentou o racismo como negro e imigrante. Alfredo Gomes faleceu aos 64 anos, enquanto fazia os seus rotineiros trotes de dois quilômetros na pista do Clube Esperia. A partir de 2015, sua história começou a ser resgatada pelo neto Antônio Carlos, advogado e poeta. Foi ele o principal responsável pela emergência da memória do avô no espaço público ao pesquisar, lançar e divulgar o livro *Vida, Vitórias e Conquistas*, sobre o avô, devolvendo seu papel à história do esporte nacional.



Satiro Soares | SSPress | CBDA

SER MULHER

JOANNA MARANHÃO — **Natação**

Proibidas de participar da primeira edição dos Jogos Olímpicos da era moderna, em 1896, as mulheres ainda enfrentam preconceitos, abusos e outras violências no campo dos esportes em pleno século 21. No entanto, nos últimos anos, após denúncias e manifestações, esportistas de todo o mundo demonstram que esse movimento por direitos e contra a violência está cada vez mais provocando mudanças. Esse é o caso da ex-nadadora Joanna Maranhão, protagonista dessa luta dentro e fora das piscinas. Nascida em Recife (PE), em 29 de abril de 1987, Joanna de Albuquerque Maranhão Bezerra de Melo começou a nadar no Clube Português do Recife aos três anos, com o incentivo da mãe. Aos 12, transferiu-se para a academia de natação do técnico Nikita e, com ele, se especializou. Em 1999, participou dos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg.

Aos 16 anos, foi aos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo, e em 2003 conquistou a medalha de bronze. Competiu nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, ocupando o ranking de 5ª nadadora mais rápida do mundo nos 400 metros medley, com apenas 17 anos. Nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, em 2007, foi medalhista de bronze e nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, bateu o recorde sul-americano da prova dos 200 metros medley. Naquele mesmo ano, Joanna revelou que havia sido molestada sexualmente, aos nove anos, pelo seu então treinador.

Enquanto teve que lidar publicamente com os desdobramentos da denúncia, Joanna não abdicou de sua carreira e, em 2011, nos Jogos Pan-Americanos de Guadalajara, conquistou a medalha de

prata e de bronze. Até que, no ano seguinte, nos Jogos Olímpicos de Londres, momentos antes da prova dos 400 metros medley, sofreu um súbito desmaio no vestiário da piscina, fato que a tirou da prova.

Em 2012, o caso de abuso sexual sofrido por Joanna deixou um marco na legislação brasileira com a aprovação da lei “Joanna Maranhão”, que muda as regras para esses casos, estabelecendo que o prazo de prescrição de abuso sexual de crianças e adolescentes seja contado a partir da data em que a vítima completar 18 anos. Formada em Educação Física, Joanna encerrou a carreira de atleta no início de 2014. Na ocasião, divulgou uma carta escrita para a criança que sonhava ser medalhista, “a Jujuca”:

Escrevo para te falar uma coisa que você precisa lembrar para o resto da sua vida: VOCÊ NÃO TEM CULPA. Sei que você pensará isso várias vezes, sei que esse sentimento fará de você sua principal adversária, sei que esse pensamento terá o poder de tirar esse sorriso, mas confia em mim, você é forte o suficiente para superar tudo isso.

Hoje, Joanna atua em vários projetos voltados para o acesso ao esporte e também na luta contra a pedofilia por meio de sua ONG Infância Livre, criada em 2014, voltada para crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. Lá, são oferecidas aulas de educação sexual para crianças e para profissionais que trabalham com elas.

SER LGBTQIAP+

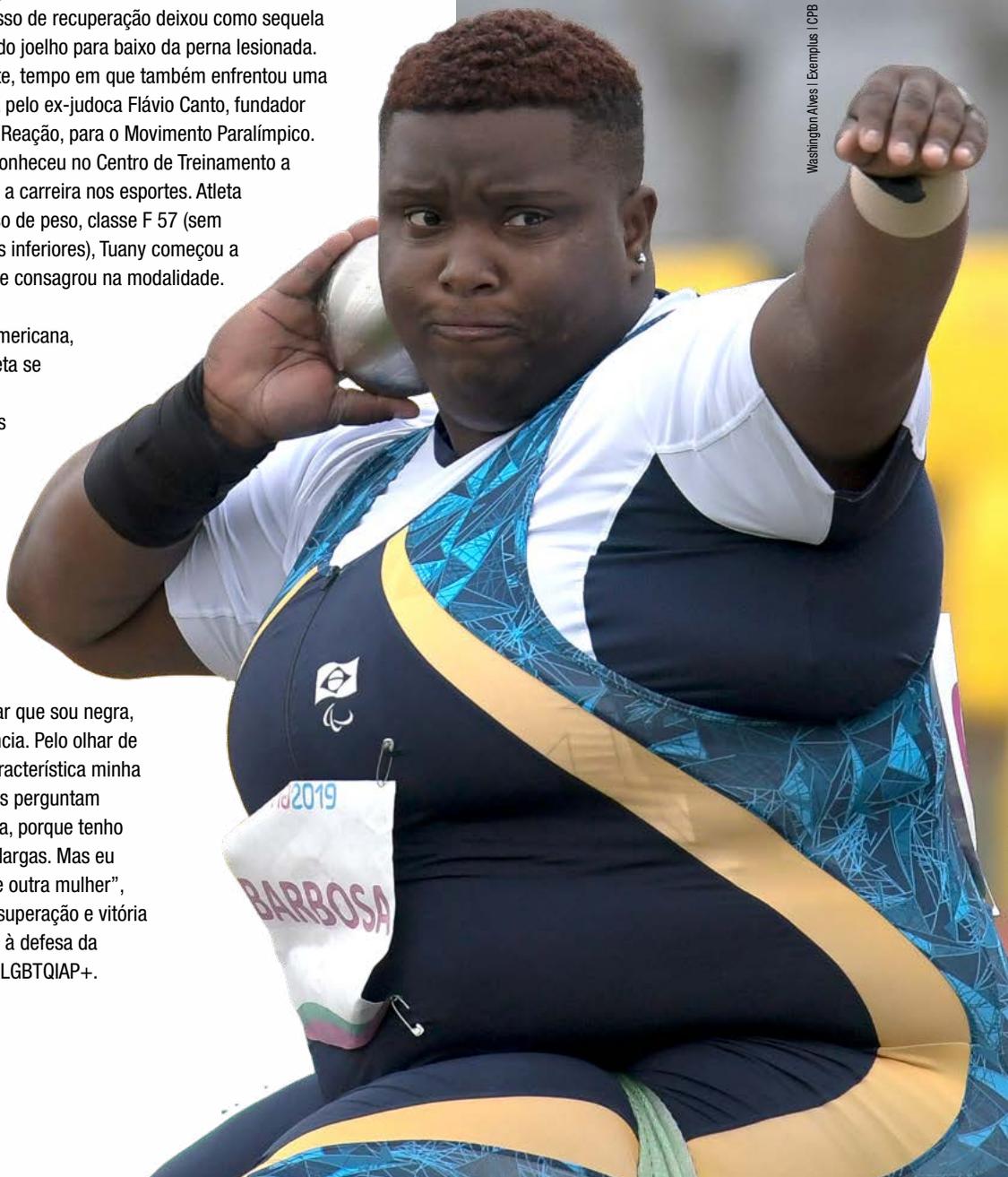
TUANY BARBOSA

Atletismo / Arremesso de Peso

Tuany Barbosa nasceu e foi criada na comunidade Jacarezinho, zona norte da cidade do Rio de Janeiro, onde conheceu o judô aos oito anos de idade por meio de um projeto social. Segundo a atleta, o esporte foi a oportunidade para não ter seguido o caminho do tráfico, como aconteceu com outros colegas. Seu talento foi notado em uma competição amadora, dando-lhe a oportunidade de continuar treinando em uma pequena academia do bairro. Foi praticante de judô olímpico durante 15 anos, chegando a ser campeã brasileira. Até que em 2014, aos 21 anos, durante o GP Brasil de Interclubes, na luta contra a campeã olímpica e mundial, Idalys Ortiz, sua perna ficou presa no tatame. Parecia o fim da carreira de Tuany nos esportes.

O lento e árduo processo de recuperação deixou como seqüela a perda de movimentos do joelho para baixo da perna lesionada. Três anos após o acidente, tempo em que também enfrentou uma depressão, ela foi levada pelo ex-judoca Flávio Canto, fundador e presidente do Instituto Reação, para o Movimento Paralímpico. Em São Paulo, Tuany reconheceu no Centro de Treinamento a possibilidade de retomar a carreira nos esportes. Atleta paralímpica do arremesso de peso, classe F 57 (sem movimento nos membros inferiores), Tuany começou a treinar em 2017 e logo se consagrou na modalidade.

Recordista brasileira, vice-campeã Parapan-Americana, terceira do mundo, a atleta se prepara para o próximo desafio: as Paralimpíadas de Tóquio, ao final de agosto. Além de todos os desafios vencidos, Tuany enfrentou o preconceito por ter assumido a homossexualidade publicamente. “Olhando pra mim as pessoas já veem. Não preciso falar que sou negra, lésbica ou tenho deficiência. Pelo olhar de cada um eu vejo qual característica minha chama mais atenção. Uns perguntam se sou senhor ou senhora, porque tenho cabelos curtos e roupas largas. Mas eu sou mulher, que gosta de outra mulher”, disse. Em entrevistas, a superação e vitória no esporte se combinam à defesa da existência e dos direitos LGBTQIAP+.





SER MIGRANTE

JULIANO FIORI — Rúgbi

Juliano Fiori nasceu em Londres (Inglaterra), em 1985, para onde os pais se exilaram na década de 1970, durante a ditadura militar. Lá, começou a jogar rúgbi na escola, com apenas seis anos de idade, mas também brincava com outras modalidades, como futebol, tênis, atletismo e cricket. Apesar da distância da família, desde a infância, Juliano visitou periodicamente o Brasil, para encontrar os parentes.

Aos 18, recebeu um convite para jogar rúgbi pela equipe do Richmond, o que conseguiu fazer simultaneamente com os estudos universitários, de maneira semiprofissional. cursou Letras Clássicas e em seguida um mestrado em Relações Internacionais na Universidade de Cambridge. Mas sempre conciliou a atividade estudantil com os treinos e competições de rúgbi. Tanto que jogou em outro clube inglês, o Apache.

Após a conclusão do curso universitário, Juliano morou durante um período em Nova York, onde foi estagiário da Organização das Nações Unidas. Neste tempo, ficou afastado do rúgbi. Até que, ao retornar à Inglaterra, passou a trabalhar na ONG Save The Children e voltou a praticar a modalidade.

Foi somente no Brasil que Juliano fez contato com a seleção por intermédio do pai, que ao visitar país encontrou a delegação brasileira da modalidade no aeroporto, em 2010. Após dizer ao gerente da equipe que tinha um filho que jogava rúgbi, ele pegou um cartão e levou para Juliano, que ficou com receio de fazer o primeiro contato. Meses depois, porém, a seleção brasileira foi para uma fase de treinamentos na Inglaterra e jogou justamente contra a equipe de Juliano.

A partida acabou aproximando o atleta de alguns jogadores, e em 2014, finalmente começou a treinar com a seleção brasileira de rúgbi sevens. Além de ter o objetivo de representar o Brasil, Juliano seguia trabalhando na ONG. Ele deixou a instituição em março de 2016, quando tirou um ano sabático para dedicar-se exclusivamente à seleção brasileira de rúgbi, com a qual foi aos Jogos Olímpicos e ficou em 12º lugar. “Tive a sorte na Inglaterra e no Brasil de ter tido uma vida profissional e pessoal que me permitiu fazer viagens entre os dois países para representar a seleção”, disse em entrevistas na época.



Adriano Pessoni



Joana Neves | Foto: Marcelo Regua | IMPIX | CPB

SER DIFERENTE?

JOANA NEVES – **Natação**

Como deve ser o corpo de um atleta? Alto, forte? A imagem estereotipada de homens e mulheres no cenário esportivo não condiz com a pluralidade de corpos existentes no mundo. Padrões tampouco respondem pelo melhor rendimento ou domínio de habilidades de um atleta em ação. Esse é o caso da paratleta Joana Neves.

Potiguar de Natal, Joana nasceu em 14 de fevereiro de 1987 com acondroplasia, um tipo de nanismo. Aos 13 anos, por recomendação médica, entrou na natação para evitar fraqueza nos ossos. Um ano depois, em 2001, foi convocada para a Copa das Américas. Em sua primeira competição internacional, passou pela classificação funcional, que não levou em conta seu nanismo por conta da idade. Da classe S5 (comprometimento físico moderado a severo) a subiram para S9 (mínimo de comprometimento físico). Passou, então, a competir com atletas com muito mais mobilidade, mas não desistiu.

Somente em 2010, foi reclassificada como S5 e realizou suas conquistas. Participou de cinco campeonatos mundiais, três Jogos Parapan-Americanos e dois Jogos Paralímpicos. No Campeonato Mundial de Natação Paralímpica em Glasgow, no ano de 2015, ganhou duas medalhas de ouro e uma de bronze. Também foi medalhista de prata nos Jogos Paralímpicos, no Rio de Janeiro, um ano depois.

Eleita a Melhor Nadadora Paralímpica do Brasil, título que a fez receber o Troféu Best Swimming, “a peixinha”, como é conhecida, não se esquivou da oportunidade de falar sobre capacitismo, termo usado para definir o preconceito contra pessoas com alguma deficiência, e compartilhar seus desafios e vitórias com outros e outras jovens que desejam seguir o caminho do esporte. “Seja sua própria inspiração, torça por você, vibre a cada vitória, chore a cada derrota, mas nunca desista de ser quem você sempre quis ser”, escreveu em sua página no Instagram. Em agosto, a nadadora Joana Neves também vai representar o Brasil nas Paralimpiadas.

Diversidade na prática

EXPOSIÇÃO REFLETE SOBRE DIFERENTES REALIDADES E REPRESENTATIVIDADE DE ESPORTISTAS OLÍMPICOS E PARALÍMPICOS

De onde vieram e quais desafios enfrentam diariamente atletas e paratletas do Brasil? No ambiente online do Sesc Itaquera, a exposição *Ser Atleta*, realizada pelo Sesc São Paulo, em parceria com o Comitê Olímpico do Brasil (COB) e Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), levanta essas e outras questões. Fora das quadras, ginásios, pistas, campos, tatames e piscinas, o que eles e elas representam na sociedade?

“Esta exposição permitirá ao público a mobilização de outros olhares para o fenômeno esportivo, transcendendo a imagem do pódio como a única cena representativa do atleta vitorioso e trazendo de forma sensível e provocativa a identificação e a projeção do público com a interface esporte-diversidade”, explica Elder Marques, supervisor do Núcleo Físico Esportivo do Sesc Itaquera.

Na abertura, dia 19 de julho, serão apresentadas dez narrativas. Em agosto serão lançados mais dez novos conteúdos e, em setembro, os últimos dez. *Ser Atleta* também apresenta uma Linha do Tempo com 100 marcos históricos de avanços e retrocessos sociais relacionados aos cinco eixos temáticos. Os visitantes ainda terão acesso a um espaço educativo com materiais direcionados para professores e educadores, visitas virtuais mediadas e quatro jogos online. Além disso, de julho a novembro, a programação do Sesc Itaquera reúne bate-papos, oficinas, cursos e atividades para crianças que dialogam com a exposição, que se encerra dia 30 de novembro.

Visite: www.seratleta.sescsp.org.br.



Pixabay

30 anos da Lei de Cotas

Neste mês, uma grande conquista é celebrada: os 30 anos da Lei de Cotas (art. 93 da lei 8.213/1991). Uma lei que determina que empresas com 100 funcionários ou mais contratem pessoas com deficiência numa proporção de 2% a 5%, a depender do total no quadro de empregados. “Hoje pessoas com deficiência participam de processos de seleção com mais segurança, conhecem seus direitos, buscam melhoria profissional, contribuem com a renda familiar e, em muitos casos, são arrimo de família”, destaca a coordenadora do Programa Coexistir do Sindicato do Comércio Varejista de Gêneros Alimentícios do Estado de São Paulo, Maria de Fátima e Silva. Por isso, complementa a consultora Marta Gil, coordenadora executiva do Amankay Instituto de Estudos e Pesquisas, “falar dos 30 anos da Lei de Cotas é falar do exercício do Direito ao Trabalho por quem, durante séculos, não pôde exercê-lo – salvo honrosas exceções”. Até 2019, as estatísticas referentes à contratação de pessoas com deficiência no mercado formal de trabalho traçava uma curva ascendente contínua, segundo a RAIS/Relação Anual de Informações Sociais, instrumento de coleta de dados atualmente vinculado ao Ministério da Economia. Soma-se também a pandemia, que evidenciou barreiras de acessibilidade e de atitude. Tanto que o capacitismo, termo usado para definir o preconceito contra pessoas com deficiência, foi a dificuldade mais apontada pelos entrevistados da pesquisa *Pessoa com Deficiência e Emprego*, realizada durante dezembro de 2020 e janeiro de 2021 pela Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo. Neste *Em Pauta*, Maria de Fátima e Silva e Marta Gil apontam desafios e conquistas nestas três décadas da Lei de Cotas e refletem sobre o comprometimento de todas as esferas da sociedade para mudanças necessárias.

Precisamos falar de Direito ao Trabalho

MARTA GIL

Falar dos 30 anos da Lei de Cotas é falar do exercício do Direito ao Trabalho por quem, durante séculos, não pôde exercê-lo – salvo honrosas exceções. Verificamos a presença mais significativa de brasileiros e brasileiras com deficiência no mercado formal de trabalho a partir da promulgação da Constituição Federal do Brasil (1988). Mas foi em 1991 que o Artigo 93 da Lei 8.213 estabeleceu os critérios para a reserva legal de cotas para empresas com 100 trabalhadores ou mais. Dada sua importância, esse artigo passou a ser considerado “lei”. Porém, foi somente a partir de 2003 que a lei de cotas passou, efetivamente, a vigorar e a ser fiscalizada, com a aprovação de normas para a imposição da multa administrativa (Portaria nº 1.199).

A Lei de Cotas é uma ação afirmativa, que visa combater discriminações e possibilitar o acesso ao trabalho. Até 2019, ela garantiu a contratação de mais de 500 mil pessoas com deficiência. Um círculo virtuoso vai se estabelecendo: pessoas até então vistas como “incapazes” passam a contribuir para o crescimento econômico, a consumir e a pagar tributos e impostos. Mais empresas reconhecem a diversidade trazida pela condição da deficiência como positiva, ao estimular a inovação e a descoberta de talentos e potenciais; contribuir para a qualidade do clima institucional, para a imagem institucional, interna e externa; e evidenciar a existência de significativo nicho de mercado a ser explorado. Esses fatores apontam para a sustentabilidade do negócio.

A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência – CDPD (ONU, 2006) impulsionou a inclusão, em especial no Brasil, onde foi recepcionada com equivalência de Constituição Federal (Decreto Executivo 6.939/2009) e posteriormente pela Lei 13.146/2015 (Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência), que a efetivou.

A partir desse breve retrospecto, podemos dizer – com o respaldo da CDPD – que a inclusão é um processo histórico, em constante devir. Também constatamos que receber formação profissional e começar a exercê-la em um mundo com regras próprias

e em constante transformação ainda é uma vivência recente para esse grupo populacional.

Chegamos então ao ano de 2020, que se revelou um *turning point* para o Brasil e para o mundo – e, claro, também para as pessoas com deficiência. A pandemia escancarou situações de vulnerabilidade e desigualdade que atingiram os segmentos mais frágeis da sociedade: pela primeira vez, a presença de trabalhadores com deficiência mostrou ligeiro decréscimo em relação aos trabalhadores sem deficiência. Trabalhar em casa (*home office*) nem sempre é possível, seja pela precariedade (ou ausência) de acesso à internet; a intranet, as plataformas e ferramentas digitais da empresa que frequentemente não têm acessibilidade digital; ou ainda pelas características da função exercida, que precisa ser presencial – para mencionar alguns entraves.

Embora os dados da RAIS 2020 ainda não estejam disponíveis, sites de anúncio de vagas e levantamentos parciais, feitos por consultorias especializadas, apontam menor procura ao longo de 2020, evidenciando que o impacto da pandemia também foi sentido por este expressivo segmento populacional. Por outro lado, há sinais que apontam um cenário positivo. Segundo a Page PCD, a qualidade das vagas melhorou. No ano passado, enquanto as posições para auxiliar caíram de 27% para 13%, a busca por pessoas com deficiência para gerência ou níveis superiores saltou de 1% para 21%.

FUTURO À VISTA

Além dessas questões, que podem ser consideradas circunstanciais, pois se espera que a pandemia seja controlada, há que se ampliar a visão: a Quarta Revolução Industrial (ou Indústria 4.0), anunciada desde 2016, está se acelerando a um ritmo exponencial e constitui uma preocupação global. Documentos como a Declaração Centenária para o Futuro do Trabalho (OIT, 2019) e a Agenda 2030 (destaque para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável 8, 9 e 10) enfatizam a necessidade premente de incluir as pessoas com deficiência no contexto do crescimento econômico e do trabalho decente.

A publicação “*Tornando Inclusivo o Futuro do Trabalho das Pessoas com Deficiência*” (OIT, Fundação ONCE e Rede

Global de Empresas e Deficiência/OIT – 2020) destaca o poder público, empresas, universidades, sindicatos e associações de pessoas com deficiência como sendo os agentes apoiadores que garantem, em um mundo em constante mudança, que as abordagens de trabalho estejam centradas nas pessoas com deficiência e outros grupos em situação de vulnerabilidade.

Já encontramos, no Brasil e em outros países, práticas de trabalho norteadas pelos princípios da inclusão e da equiparação de oportunidades. Porém, é necessário avançar mais, ampliando o espectro da articulação para envolver outros atores sociais.

FAMÍLIA E ESCOLA

Destaco a importância de acrescentar pelo menos outros três atores sociais ao grupo de agentes apoiadores acima citados: a família, o sistema educacional (desde a creche) e órgãos e instâncias de representação, como o Ministério Público, que é uma instituição independente e não pertence a nenhum dos três poderes constitucionais, Conselhos de Defesa e Direitos de Pessoas com Deficiência, entidades representativas, como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), que tem comissões específicas, entre outras.

Ainda que o objetivo da publicação “*Tornando Inclusivo o Futuro do Trabalho das Pessoas com Deficiência*” contemple o mercado de trabalho formal, ou seja, que emprega pessoas com ou sem deficiência a partir de 16 anos de idade (exceto na condição de Aprendiz, cuja idade inicial é de 14 anos), considero relevante considerar os três atores sociais acima mencionados.

A família e a escola são as instâncias iniciais e decisivas para a formação da personalidade e o desenvolvimento do potencial social e mental que possibilitam ingressar no mundo do trabalho, seja como colaboradores ou como empreendedores.

Também é preciso investir, desde o início da formação educacional, nas habilidades e atitudes que a Economia 4.0 demanda: saber fazer a curadoria das informações necessárias, investir na educação continuada (*lifelong learning*), estar constantemente atualizado, trabalhar em equipe e saber lidar com a fusão entre os mundos físico e virtual, entre outras habilidades.

Portanto, não é possível esperar até que as pessoas cheguem às universidades para que desenvolvam as habilidades requeridas pelo mercado. A participação é cada vez mais demandada, em todas as esferas da sociedade. Assim, é importante dialogar de forma mais próxima com as entidades de representação acima mencionadas, visando ao cumprimento dos dispositivos, valores e princípios

constantes no atual ordenamento jurídico e marcos conceituais firmados pelo Brasil.

Quanto à Lei de Cotas, entendo que é necessário adequá-la à realidade atual. Esse é um processo a ser realizado de forma participativa, envolvendo os agentes apoiadores citados pela OIT e principalmente as próprias pessoas com deficiência, que devem ocupar cada vez mais o seu lugar de fala. Além disso, a adequação da Lei de Cotas deve estar fundamentada em pesquisas sobre a realidade do mercado de trabalho brasileiro.

Finalmente, nunca é demais enfatizar a importância que a Informação e a Comunicação têm ao longo de todo o processo recomendado: o desafio é chegar até a ponta, utilizando recursos de acessibilidade e todos os canais, dos acadêmicos às redes sociais, respeitando as diferentes culturas. ■

MARTA GIL é coordenadora executiva do **Amankay Instituto de Estudos e Pesquisas**, consultora na área de inclusão de pessoas com deficiência, com ênfase em educação e trabalho, empreendedora social reconhecida pela Ashoka Empreendedores Sociais, palestrante em encontros nacionais e internacionais e escritora.

UM CÍRCULO
VIRTUOSO VAI SE
ESTABELECENDO:
PESSOAS,
ATÉ ENTÃO
VISTAS COMO
“INCAPAZES”,
PASSAM A
CONTRIBUIR PARA
O CRESCIMENTO
ECONÔMICO,
A CONSUMIR E A
PAGAR TRIBUTOS

Rumo à desconstrução da invisibilidade social no mercado de trabalho formal

MARIA DE FÁTIMA E SILVA

Toda sociedade que exclui pessoas do trabalho por qualquer motivo – sua deficiência, sua cor ou seu gênero – está destruindo a esperança e ignorando talentos. Se fizermos isso, colocaremos em risco todo o futuro.

Robert White

Quando falamos de inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho se faz necessário entender que a cultura social marcada pelo assistencialismo, a caridade e a falta de informação pautaram nossa relação com o tema e ainda há muito que superar para desconstruir o ciclo de invisibilidade social ao qual estão submetidas, segundo Rosângela Berman Bieler em *Desenvolvimento Inclusivo: uma Abordagem Universal da Deficiência* (2006). Segundo Bieler, as pessoas com deficiência são escondidas das demais, tornando-se invisíveis a seus olhos, não se constituindo, portanto, em um problema na comunidade em que vivem.

Se não são problema social, e sim familiar, não há preocupação em oferecer a elas os mesmos serviços oferecidos aos demais cidadãos; se não são considerados cidadãos com direitos a serviços sociais, elas são discriminadas e por serem discriminadas são afastadas pela família dos demais cidadãos, e o ciclo não se interrompe.

Quando nos deparamos com essas pessoas, a nossa atitude revela não somente nossas crenças e valores individuais, como também o contexto social em que vivemos. Através de um condicionamento cultural assimilamos os preconceitos e reproduzimos estigmas de acordo com cada momento histórico. Dessa forma, a trajetória histórico-cultural das pessoas com deficiência reflete como se desenvolveram os valores da humanidade e nos ajudam a entender os motivos por que um dia condenamos ao extermínio membros imperfeitos e hoje estamos aprendendo a conviver com a diversidade humana.

CONQUISTA RECENTE

A Lei de Cotas completa 30 anos, porém, a avaliação de resultados de sua aplicação se dá a partir da sua regulamentação por meio do Decreto 3298/99, ou seja, nos últimos 22 anos, contados a partir da atuação da fiscalização das empresas que devem cumpri-la. Devemos reconhecer que passos importantes foram dados e algumas conquistas alcançadas.

Hoje pessoas com deficiência participam de processos de seleção com mais segurança, conhecem seus direitos, buscam melhoria profissional, contribuem com a renda familiar e, em muitos casos, são arrimo de família. Profissionais de RH (Recursos Humanos) aprofundaram seus conhecimentos, aprenderam novas formas de se comunicar com as pessoas com deficiência em busca de trabalho, trocaram informações entre si, desenvolveram programas, venceram desafios.

Essas mudanças trouxeram aos profissionais de RH a tarefa de rever seus conceitos e aprender sobre as formas de lidar com a diversidade humana. Hoje podemos conversar sobre experiências positivas da inclusão e como elas são úteis para a melhoria da qualidade das relações nas empresas. Relatos sobre superação e comprometimento são comuns quando se fala dos programas desenvolvidos. Entendemos que o processo de inclusão exige envolvimento, informação e vontade para promover a mudança cultural.

TRABALHO CONTÍNUO

Pessoas com deficiência devem ser contratadas por sua capacidade profissional e, caso seja necessária alguma modificação/adequação (compra de equipamentos, adaptações arquitetônicas etc.) para o desempenho de sua função, esta deve ser encarada como um dos investimentos que as empresas habitualmente fazem para promover a melhoria dos seus processos.

O cumprimento da legislação pede um trabalho contínuo tanto na busca quanto na retenção dos profissionais, bem como na concretização da inclusão, que exige um olhar atento para a qualidade dos processos. Pessoas com deficiência estão alcançando



as mesmas oportunidades na organização? Estamos olhando para o desenvolvimento de suas carreiras, a transversalidade está inserida nesse contexto?

Os desafios ainda são muitos no momento que atravessamos um turbulento período que nos foi colocado pela pandemia da Covid-19. Profissionais de RH são desafiados a identificar e prover condições de acessibilidade para o desenvolvimento de trabalho *home office*, bem como estabelecer formas e critérios para acompanhar o desenvolvimento e resultado do trabalho realizado nessa condição.

Não se têm ainda resultados desse processo, porém trabalhadores com e sem deficiência devem ser ouvidos para que se possa avaliar esse novo momento. O que pensam do desenvolvimento das atividades nessa condição? O que lhes falta? As relações interpessoais, tão importantes para a mudança de cultura perante os profissionais com deficiência, estão comprometidas?

FORMAÇÃO DE REDES

A compreensão das dificuldades possibilitou o diálogo entre os parceiros e avanços na busca de

formas de superar os desafios e garantir a qualidade nas ações de inclusão. A formação de redes por pessoas com deficiência, especialistas e profissionais que atuam em empresas vem contribuindo para entender o processo, buscar referências e promover debates.

O comportamento das empresas e suas relações com seus públicos podem influenciar uma postura mais reflexiva em relação ao respeito à diversidade e aos direitos das pessoas com deficiência. Deixar claro uma postura inclusiva na relação com os atores envolvidos, divulgar ações e desenvolver materiais informativos contribuem para que mais e mais pessoas compreendam e valorizem o tema. ■

ENTENDEMOS
QUE O PROCESSO
DE INCLUSÃO
EXIGE
ENVOLVIMENTO,
INFORMAÇÃO E
VONTADE PARA
PROMOVER
A MUDANÇA
CULTURAL

MARIA DE FÁTIMA E SILVA

é coordenadora do [Programa Coexistir](#) do Sindicato do Comércio Varejista de Gêneros Alimentícios do Estado de São Paulo, tem MBA em Gestão Estratégica de Pessoas pela Fundação Getulio Vargas (FGV) e experiência na área de educação com ênfase em ações de inclusão e gestão da diversidade no mercado de trabalho com planejamento, implantação e coordenação de programas de inclusão social, responsabilidade social e sustentabilidade.

DEBATE ONLINE

Evento organizado pela Câmara Paulista da Pessoa com Deficiência, com apoio do Sesc São Paulo, celebra o 30º aniversário da Lei de Cotas, nos dias 23 e 24 de julho. Na programação, debates online com especialistas de diversos segmentos levantam reflexões sobre a inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. No dia 24/7, será exibido um vídeo realizado pelo Sesc São Paulo junto a outras instituições: uma amostra de ações com foco na participação e cidadania das pessoas com deficiência. Saiba mais: <https://www.camarainclusao.com.br/>.



Foto: Diere Silveiro / MLP

Memória e polifonia

PARA A HISTORIADORA E MUSEÓLOGA, OS MUSEUS DEVEM
ABRIR AS PORTAS PARA DIFERENTES VOZES DA SOCIEDADE

A importância de um museu vai muito além da definição, empregada pelos dicionários, de uma instituição onde se expõem obras de arte e objetos de cunho científico ou histórico. Os museus na contemporaneidade abrem-se para a dissonância e incorporam outras narrativas e objetos que antes eram deixados do lado de fora. No campo da museologia social, esse espaço deve ser apropriado como uma ferramenta de uso comunitário e participativo. E para a historiadora e museóloga Marília Bonas, diretora técnica do Museu da Língua Portuguesa essa é a bússola. Em sua atuação anterior como diretora-executiva do Museu do Café, em Santos, na direção do Museu da Imigração e na coordenação do Memorial da Resistência, ambos na cidade de São Paulo, Marília Bonas reforçou o papel dessas instituições como espaços de múltiplas vozes, que, muitas vezes, discordam. “Na área de museus falamos muito sobre processos, mas muitas vezes a gente está falando sobre sujeitos, sobre pessoas que são sujeitos da própria experiência. Então, como transformar esse lugar onde as pessoas não são objetos, mas sujeitos, e como os museus podem criar esse caminho das múltiplas vozes?”, questiona. Neste *Encontros*, a historiadora e uma das curadoras da exposição permanente no Forte São João, em Bertioga, realizada pelo Sesc São Paulo em parceria com a Prefeitura de Bertioga e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), desata nós. Afinal, qual a importância do museu para a sociedade hoje?

VALOR DA ESCUTA

Minha primeira grande experiência foi no Museu do Café, em Santos, onde rapidamente entendi a importância da escuta e a importância dos museus para traduzir e pensar vozes silenciadas e vozes já cristalizadas dentro das narrativas de identidade, e em São Paulo isso é muito forte. O Museu do Café fica no Palácio da Bolsa Oficial de Café, que é de 1922 e foi construído e restaurado em função de um movimento dos corretores da Praça de Café de Santos, que ainda é a maior praça de exportação. Mas todos os outros trabalhadores do café não estavam ali representados (no museu). Foi ali que

comecei a entender, dentro dessa formação em museologia social, como alinhar essas histórias. As histórias das catadeiras, das cerzideiras, da estiva, e como trazer e abrir espaço dentro dessas instituições para que essas vozes fossem representadas. Uma premissa muito usada nas comissões da verdade, em geral em comissões da verdade de povos originários, é: “Nada sobre mim sem mim”. Na área de museus, falamos muito sobre processos, mas muitas vezes a gente está falando sobre sujeitos, sobre pessoas que são sujeitos da própria experiência. Então, como transformar esse lugar onde as pessoas não são objetos, mas sujeitos, e como os museus podem criar esse caminho das múltiplas vozes? O Museu do Café foi a minha primeira grande experiência de curadoria colaborativa, e a gente levou três anos para construir uma exposição de longa duração que contou com a participação de diversas pessoas, desde a equipe de limpeza à diretoria administrativa.

MARÍLIA BONAS

esteve presente na reunião virtual do Conselho Editorial da *Revista E* no dia 20 de maio de 2021.

LUGAR DE EMPATIA

O Memorial da Resistência é um lugar de memória da ditadura civil-militar, mas também da ditadura de (Getúlio) Vargas, e foi constituído e construído a partir da experiência de ex-presos dentro do espaço carcerário do Dops [*Departamento de Ordem Política e Social, criado em 1924, foi um órgão do governo brasileiro utilizado principalmente durante o Estado Novo e mais tarde na Ditadura Militar*]. E uma coisa é importante na área dos museus: não existe neutralidade e não existe totalidade. Toda escolha implica uma perda. Então, era um grupo de ex-presos que construiu uma narrativa de uma experiência. Outros ex-presos teriam construído outras narrativas. Isso implica que o museu esteja sempre aberto a essas outras vozes que não estão necessariamente presentes numa construção principal. Então, têm lacunas ali que foram identificadas muito cedo: a questão das mulheres, a questão do movimento negro, a questão LGBTQIA+. Questões em que a pesquisa do Memorial foi avançando para dar conta em exposições temporárias. Os lugares de memória têm um poder. Nem sempre a experiência da cultura é para ser prazerosa. Ela é uma experiência que te movimenta como ser humano e, às vezes, esse movimento não é a melhor das experiências, mas ele te transforma e te conecta. E o Memorial tem esse papel. Como gestora há a obrigação de encaminhar essa experiência. Ou seja, agora que você sentiu o quão terrível foi, o que você pode fazer como cidadão para que isso não se repita? Como você pode se posicionar em relação a isso? Então, o Memorial tem uma função educativa essencial, que é essa coisa de lembrar para não repetir.

CURADORIA COLABORATIVA

Queríamos contar a história do Forte (São João) Bertioiga como um lugar de encontro, mas também um lugar de disputa. Então não poderia ser uma exposição que envelhecesse mal. Teria que ser uma exposição com uma camada de construção sobre a qual a própria população de Bertioiga pudesse construir novas narrativas. Aí depois de um levantamento histórico, fizemos escutas sistemáticas. Por muito tempo, a história do forte contada pelos guias era muito distante do que de fato aconteceu, do que a gente sabe em termos de pesquisa. Quais eram os grupos indígenas? Sempre havia uma relação contraditória, como inimigo ou elemento constitutivo. Então, passamos a fazer as escutas sistemáticas da população de Bertioiga.

POR MUITO TEMPO OS MUSEUS
TENTARAM CONSTRUIR UM CONSENSO
E HOJE A GENTE ENTENDE QUE
O DISSENSO É FUNDAMENTAL

A gente ouviu a prefeitura, entendemos a necessidade de desconstruir os mitos dos heróis da cidade. Ouvimos os pescadores, os moradores do outro lado do canal, ouvimos sobre a cultura caiçara, fomos ouvir os guaranis e como eles se entendiam com essa herança tupi, que era de outro grupo da região, como era essa contradição. Isso tudo foi costurado a partir de escutas e de participação. O processo de curadoria colaborativa é essencialmente você saber o papel de cada um, negociar, ceder e pensar qual o objetivo maior. No caso do Forte Bertioiga, o objetivo maior era contar a história do forte, mostrar por que ele é patrimônio nacional e, agora, com essa exposição, candidato a patrimônio mundial. E por que ele é tão importante? Por causa dessa história, por causa dessas memórias e afetos sobre essa história, e essas histórias sobre essa história, e pela importância que ele tem na identidade de uma região inteira. Estamos fazendo uma exposição para durar 20 anos, para a cidade se orgulhar e se apropriar, para os professores poderem usar e para os turistas entenderem por que Bertioiga é importante. Vai ser a primeira exposição decolonial [*que se desprende de uma lógica de mundo de origem eurocêntrica e se abre para uma pluralidade de vozes e caminhos*] da história colonial do país.

DISSONÂNCIA FUNDAMENTAL

Por muito tempo, os museus tentaram construir um consenso e hoje a gente entende que o dissenso é fundamental, que o importante é a convergência de determinados valores comuns, e que esses dissensos enriquecem. Acho que o Museu da Língua Portuguesa hoje reabre com janelas de discussão de diferentes vozes. Uma polifonia numa harmonia de muitas vozes que têm suas tensões. E a gente quer discutir essas tensões. O museu abre um caminho de conciliação, inclusive, dentro de tantas narrativas. Acho que esse interesse do público pelos museus está no fato de essas instituições entenderem esse alinhamento e não se colocarem acima dele. Os museus não são só lugares de conhecimento, mas lugares de referências que podem ser mais próximas à sua.



Foto: Cláudio Silveiro | MLP

Diretora técnica do Museu da Língua Portuguesa em um dos espaços da exposição *Língua Solta*, que marca a reabertura do museu

LÍNGUA SOLTA E DIGITAL

No Museu da Língua Portuguesa há alguns temas sobre os quais a gente quer se debruçar. Um deles é a língua portuguesa na internet. A variante brasileira da língua portuguesa é a mais falada na internet, ou seja, na internet, quando se fala português se fala português do Brasil, e isso tem um impacto. Há um movimento de intelectuais portugueses dizendo que o Brasil está fazendo colonização às avessas. Linguistas portugueses vão abrir um Museu da Língua Portuguesa em Portugal, cuja agenda é “a verdadeira língua portuguesa”. Mas a língua é dinâmica. Então, acho que o Museu da Língua Portuguesa, no Brasil, tem essa provocação. Ele provoca os falares. A gente tem uma parte nova linda sobre os falares no Brasil, tem essa agenda contra o preconceito linguístico, e isso começa pela internet. A gente gosta de brincar com o erudito e o popular. A exposição que a gente vai abrir com o museu se chama *Língua Solta*, e para ela o Tom Zé compôs várias músicas a partir de placas de sinalização como: *Não jogue o papel no chão*. A gente gosta da diversidade da língua. No museu temos uma parte dedicada aos falares regionais. É lindo: tem crianças, imigrantes, jovens e indígenas falando. Você ouve todos os sotaques.

SEMANA DE 2022

Nosso recorte para 2022, para o centenário da Semana de Arte Moderna, pergunta: onde está a produção inovadora, disruptiva e contestadora em São Paulo hoje? Ela surge nos saraus, ela surge em outros ambientes que não são os ambientes da elite. Nós queremos falar disso: de slam, de trans sarau, Sarau do Binho [*referência de expressão cultural e conscientização política na região do Campo Limpo, na Zona Sul de São Paulo*], enfim, tem muita coisa em muitos espaços que são ou periféricos territorialmente ou periféricos em termos hierárquicos da “grande cultura”. Lugares de onde vêm grandes nomes como Emicida, de onde vem quem está trazendo uma nova maneira de olhar a própria cultura, essa coisa da antropofagia: quem é que está redevorando os modernos hoje? Então, esse é o tema do Museu da Língua Portuguesa para 2022 e também do do Museu do Futebol.



Novos rumos do

ECONOMISTA EQUATORIANO QUESTIONA

A IDEIA DE DA MERCANTILIZAÇÃO DO TEMPO

DESTINADO À CRIATIVIDADE E À CONVIVÊNCIA

Nascido em Quito, o economista e professor Alberto Acosta acumula diferentes vivências na sua forma de ser, estar e pensar no mundo. Ex-gerente de marketing da Corporação Estatal Petrolera Equatoriana, Ministro de Minas e Energia do Equador em 2007, além de candidato à Presidência da República do país natal em 2013, Acosta conta que passou a investigar profundamente o tema lazer após receber o convite do Sesc São Paulo para participar do 15º Congresso Mundial de Lazer, em 2018. Desde então, o autor de livros como *Breve História Econômica do Equador* (Fundação Alexandre de Gusmão, 2006) e *O Bem Viver: Uma Oportunidade para Imaginar Outros Mundos* (Elefante, 2016) pesquisa como esse direito garantido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos e pela Constituição do Brasil e de tantos outros países está atrelado à ideia de produtividade e a outros valores do mercado de trabalho. Em abril, Acosta falou sobre estas e outras questões no Sesc Ideias *O Direito ao Lazer e Sua Importância na Vida Cotidiana*, com o diretor do Sesc São Paulo, Danilo Santos de Miranda, num debate transmitido pelo canal do YouTube do Sesc São Paulo. “O lazer mercantilista tem que ser transformado em outro tipo de lazer, que seja emancipatório, e o trabalho que deixa a gente alienado tem que mudar”, disse.

TEMPO LIVRE?

Uma das perguntas que me faço aqui é: tem algum sentido falar de ócio em meio à pandemia? Começamos por pontuar que não se pode confundir o ócio com o tempo livre provocado pela pandemia. Agora nós estamos na quarentena, num confinamento, e com certeza o trabalho remoto que recebemos faz com que a gente fique muito cansado porque ficamos o tempo todo conectados. Mas muitas pessoas não têm esse trabalho, nem esse tempo de lazer ou esse tempo livre. O tempo de lazer e o tempo livre são diferentes. E o tempo de uma pessoa que está desempregada não é lazer. O lazer tem que ser visto de uma outra forma. Estamos diante de uma crise muito complexa que é de civilização. Na pandemia, a crise provocada pelo coronavírus, e também suas sequelas, é uma faceta muito complexa. O coronavírus não provoca uma crise, ele faz com que a crise fique ainda mais forte. E o coronavírus serve como uma grande lupa para conseguirmos ver nosso mundo, para ver alguns aspectos que antes não percebíamos de forma clara. Por que a gente está nessa situação? Não é o coronavírus que apareceu da noite para o dia, não é um fenômeno natural. Temos processos que vão quebrando

o metabolismo social e natural. Temos processos bem identificados pela ação dos seres humanos que geram condições cada vez mais difíceis e complexas para os próprios seres humanos.

MERCANTILIZAÇÃO DO LAZER

A pandemia não serviu para que os poderosos do planeta, ou seja, aqueles que dirigem a economia e a política, pensem em mudar o sistema. A gente quer voltar para o crescimento econômico, voltar para aumentar as exportações, para aumentar os investimentos. Aumentam as exportações de petróleo e de mineração com muito impacto social e ambiental também. A especulação continua presente. A gente quer voltar a essa normalidade, mas essa normalidade, na verdade, é uma anormalidade que causa muitos problemas. Não vai ser mais a mesma coisa, vai ser algo pior. Então, nos dias em que estamos aqui lembrando e discutindo sobre o lazer, o Dia Internacional do Lazer (16/4), a gente deveria ficar mais preocupado em relação ao que significa o lazer. E eu encontrei também que essa discussão já estava presente entre os pensadores da Grécia. Sócrates falou muito bem: os momentos de lazer são a melhor de todas

LAZER



O LAZER TEM QUE SER UMA FORMA DE CONVÍVIO NA COMUNIDADE NATURAL E HUMANA

as aquisições, ou seja, o momento em que podemos realizar, sem pressão de qualquer tipo, é um espaço fundamental na vida do ser humano. Mas não o lazer na modernidade, dentro da lógica do capitalismo. Este foi se tornando diferente: em vez de expressar liberdade e autonomia do ser humano, o lazer está se tornando uma mercadoria. É mais um dos espaços de mercantilização criado pelo capital. Ou seja, deveria ser um momento de criatividade, que integra as comunidades, de celebração do sagrado, porque a vida é sagrada, mas o lazer é um mero espaço de descanso para repor as forças de trabalho e continuar produzindo. A gente descansa para produzir, não para ganhar qualidade de vida.

OBJETO HISTÓRICO

Nesse cenário, o lazer, muitas vezes, é o caldo de cultivo para crescentes frustrações. Ou seja, os divertimentos são passivos. A gente fica horas frente a um televisor. A gente vê filmes bons, mas às vezes a gente não vê nada importante. A gente não tem nenhum relacionamento ou atividade com a comunidade, com a família. E, nesse sentido, esse lazer passivo não demanda nossos recursos físicos e mentais. Dessa forma, o lazer se tornou um dos maiores negócios do mundo. Inclusive, a gente recorre à sua utilidade a partir da métrica do prazer, como os economistas definem. Ou seja, algo próprio do utilitarismo e do hedonismo: o lazer como uma mercadoria de consumo. O lazer também é transformado em um objeto das políticas de Estado. O Estado quer organizá-lo e planejá-lo. Ou seja, essa instrumentalização do lazer é uma ferramenta para controlar e disciplinar a sociedade. Lembro a vocês algo que não é de agora. No Império Romano, as pessoas iam ver o enfrentamento entre cristãos e leões. O coliseu romano fazia parte dessa política de pão e circo, ou seja, lazer mercantilizado, lazer controlado. É muito importante recuperar alguns elementos históricos para repensar o lazer.

BEM VIVER NO PLURAL

A gente pode ter essa ideia do bem viver que provém de culturas de povos originários. Eles definem esse bem viver como algo diferente do que a gente experimentou nos últimos tempos. O ponto-chave do bem viver é que nós somos uma comunidade humana e natural também. Nós somos uma só comunidade de vida. Nós temos que deixar de atuar à margem da natureza. A gente tem que se integrar a ela. E, nesse sentido, o bem viver convida a gente a pensar num mundo inspirado nas harmonias

e nos equilíbrios. Para falar em termos simples, talvez, em termos políticos, eu falaria que o bem viver procura reproduzir a vida digna e não o capital. Mas aqui vamos tocar numa questão-chave: o bem viver vem de comunidades que têm uma longa história. E essa história é caracterizada por relacionamentos holísticos do ser humano com ele mesmo, com outros seres humanos e com seres não humanos. A gente não tem que ser simplista e achar que vai conseguir construir uma sociedade livre de conflitos. Sempre vai haver conflitos, mas é preferível que a gente tenha como ponto de orientação uma sociedade que procure a vida na harmonia do ser humano com ele mesmo, do ser humano com outros membros da comunidade, das comunidades entre si e das comunidades e indivíduos morando em harmonia com a natureza do que continuar nesse caminho que está levando a gente para um abismo – que é o produtivismo, consumismo e individualismo.

REPENSAR O LAZER

O lazer tem que ser uma forma de convívio na comunidade natural e humana. E essa visão dos povos originários permite que a gente consiga ver de outra forma o planeta e pensar diferente na organização social e política. O interessante é que, sem idealizar e sem romantizar o mundo indígena, possamos abrir a porta para projetos coletivos, para um futuro diferente. Não existe somente um único bem viver, nós temos muitos bem viveres. Temos que tirar o potencial de mercadoria do lazer e aumentar o potencial criativo e lúdico do lazer para todos. E a gente tem que fazer isso em prol da pluridiversidade do planeta. O lazer mercantilista tem que ser transformado em outro tipo de lazer, que seja emancipatório, e o trabalho que deixa a gente alienado tem que mudar. ■



CORPOS, SUJEITOS E RESISTÊNCIAS

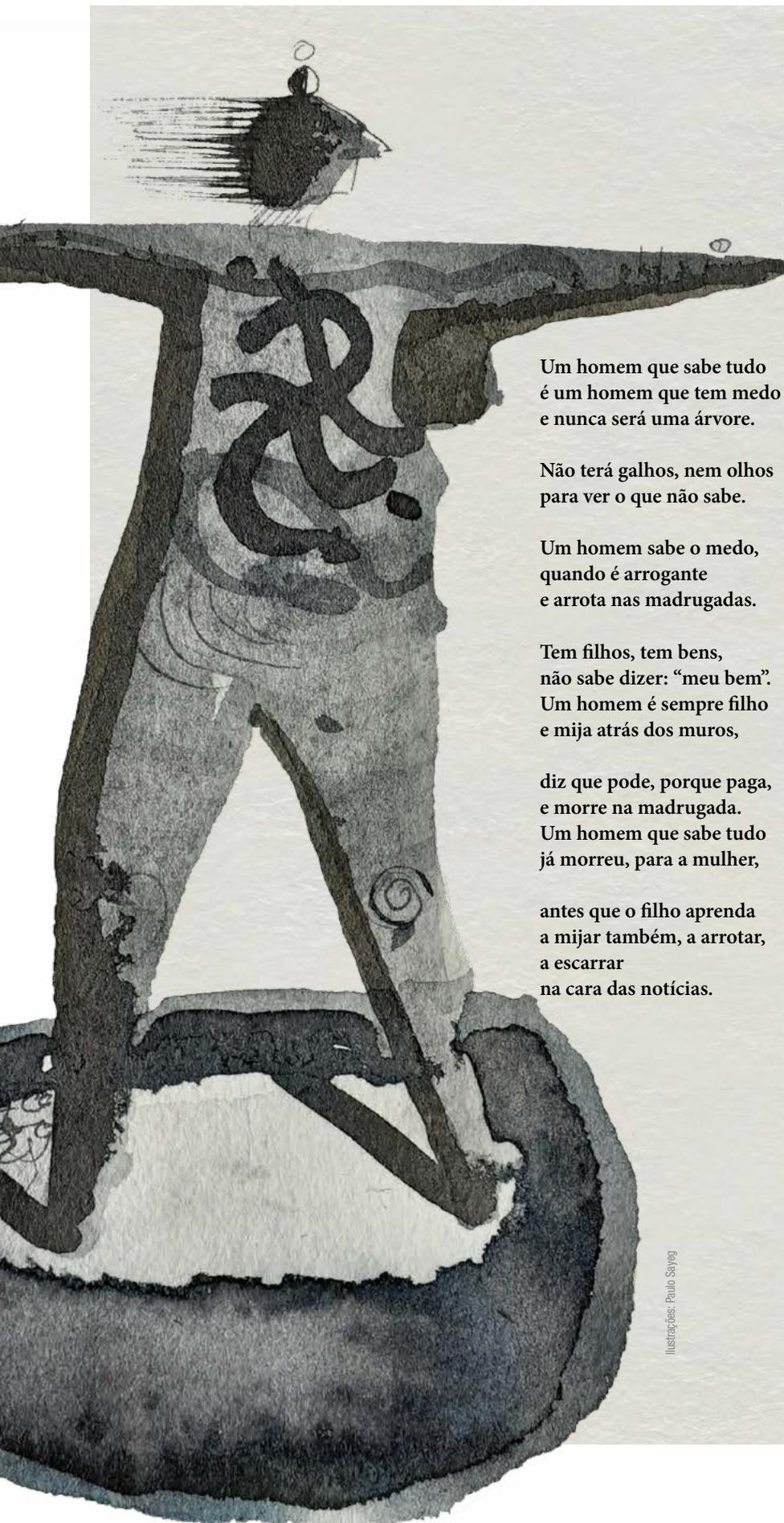
Programação on-line sobre a cultura corporal do movimento e suas diferentes manifestações. Nesta 2ª edição, por meio de podcasts e vídeos, o projeto traz reflexões e debates sobre a diversidade de corpos no envelhecer.

Acompanhe em:

   **/sescipiranga**

 **/sescipirangasp**

sescsp.org.br/ipiranga



Um homem que sabe tudo
é um homem que tem medo
e nunca será uma árvore.

Não terá galhos, nem olhos
para ver o que não sabe.

Um homem sabe o medo,
quando é arrogante
e arrota nas madrugadas.

Tem filhos, tem bens,
não sabe dizer: “meu bem”.
Um homem é sempre filho
e mija atrás dos muros,

diz que pode, porque paga,
e morre na madrugada.

Um homem que sabe tudo
já morreu, para a mulher,

antes que o filho aprenda
a mijar também, a arrotar,
a escarrar
na cara das notícias.

O filho do homem que sabe
também sabe, mas
morre
antes de nascer.

Surge, de manhã,
em forma de sonho
que a mulher apaga
assim que acorda
com o barulho do homem

e levanta
para ver o sol
do seu próprio ser.

O homem
jamais desperta.
Ele abre os olhos,
começa
toda sua aula completa
sobre nunca se saber.

A mulher
sabe que não sabe.
Ela já foi embora
antes que ensinasse
ao homem
como se limpa um sonho,

como se abrigar
do medo
entre os braços,
fazê-lo dormir,
tirá-lo da sala
e limpar a cozinha.

A mulher não sabe
como é que ela fez.
E sabe.

Ela não lembra
de ter fabricado
o seu próprio caldeirão.

Dentro da noite,
mexe,
com sua colher de sonho.

Subimos as escadas
do farol
para ver a paisagem.
Os leões
ficaram lá embaixo,
fazem xixi amarelo.
Ouvimos os seus gritos
soados
na era dos dinossauros.
Sua pele combina
com as pedras
manchadas em alguns pontos
onde os leões
se aninham, nojentos.
Eu, você, sua pele combina
com o rugido dos bichos,
seus cabelos
se enredam
ao pé do vento
onde subimos,
para ver a paisagem.
Você já viu tudo, e senta
no último degrau, me espera
como uma criança
enquanto faço as fotos
que você nunca verá.
Sua face, assim, sentado
combina com o farol, no topo:
você combina o tempo todo
com esse medo de cair
se me alongo mais um pouco
para fazer um close
no leão lá embaixo, um porco
que urra e de repente é você
que solta a gosma da boca
enquanto se move, um vagar,
e se ajusta na outra pedra.

Você e esse leão, tão amigos,
já viram tudo, já fizeram
tudo o que quiseram
comigo,
já mijaram no vento amarelo,
dormiram no ponto
onde o sol se põe
e vocês combinam, sim,
já combinaram
de me ver cair,
o leão-marinho
e você,
meu urso,
um urso apenas
de passagem.



TORNA-VIAGEM

encontrei a cobra
cortada ao meio
e ainda filhote

cheguei a salvo do
bote da jararaca

apesar de cortada
ela estava
com a cabeça
em pé

os vizinhos já cansaram
de dizer
que devo cortar as grammas
podar os matos

por questões de segurança
por questões de higiene

por favor

há tantos perigos
nessas varandas

eu não ligo
para os vizinhos
eu moro
à vista das cobras

empilho garrafas
vazias
de vinho

dizem
ali mora a bruxa, olha

ela deixa ao léu
ela bebe

e quando sai
nem nos cumprimenta

não tem nem carro
é bela pangaré

eu escarro
nas varandas

na da frente
e na de trás

observo como somem
a cada tossida rouca

como se trancam
a salvo da mulher louca

sou como a cobra
que mataram

tenho a cabeça
em pé

dou apenas alguns passos
no meio da pandemia

meu pequeno corpo morto
olha o céu
escarra
na cara de quem mata

no pátio devassado
cenário do descabro

quem terá matado
a outra

erguida ainda
no meio do meu peito?



5

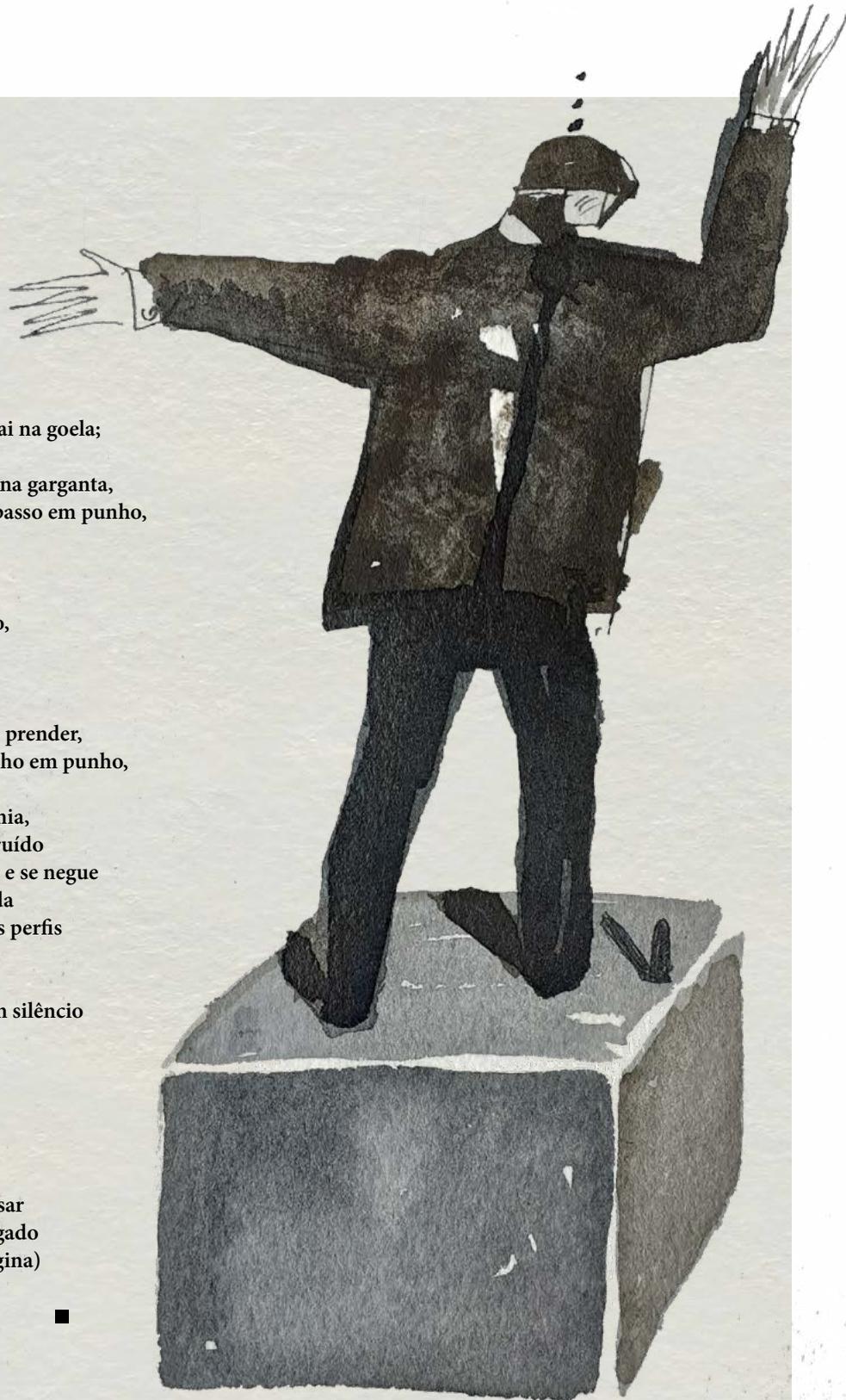
é ânsia de voto ou de vômito,
vontade de falar tudo o que vai na goela;
é gula civil
esse gosto amargo enforcado na garganta,
esse lodo preso nas telas, no passo em punho,
nas poças do sangue
deslocado de sentido

•
é enjoo, sim, é vontade de voo,
de voto, de voragem
e de alguma sorte,
mas os tempos são outros:
tempos de julgar, de saber, de prender,
de passar as escopetas de punho em punho,

•
são tempos de morte, pandemia,
as panelas vazias e cheias de ruído
dizem que não, não sossegue, e se negue
a toda a vida assim amortecida
entre os trunfos tão falsos dos perfis

•
e são tempos de fome, sim:
fome de céu, de abraço, de um silêncio
que congregue
quem pede
que culpem os culpáveis,
não a culpa.

•
são tempos de desinventar
o que odiar, de parar pra pensar
em criar um lugar bem sossegado
(um pátio, um peito, uma página)
pra sarar dos atropelos
enquanto eles pagam a conta. ■



TELMA SCHERER é escritora, artista e professora de Literatura Brasileira na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Publicou o romance *Lugares Ogros* (Caiaponte, 2019), o híbrido *Entre o Vento e o Peso da Página* (Medusa, 2018), e cinco livros de poesia, entre eles *Rumor da Casa* (7 Letras, 2008), *Depois da Água* (Nave, 2014) e *Squirt* (Terra Redonda, 2019), este último, semifinalista do prêmio Oceanos de Literatura em Língua Portuguesa. Suas obras mais recentes são o poema *Não Alimente a Escritora* (Urutau, 2021) e o romance *As Avessas* (Ipêamarelo, 2021).

**CPT _ SESC
CENTRO _
DE _ PESQUISA
_ TEATRAL**



Foto: Isabele DElira

**JÁ CONHECE O CANAL DO
CPT_SESC NO YOUTUBE?**

Lá você encontra conteúdos sobre dramaturgia,
acervo, memória, cenografia, pesquisa,
bastidores, formação e muito mais.



Acesse, assista
e inscreva-se

YOUTUBE.COM/CPTSESC

Sesc 75 ANOS



Central de Atendimento do Sesc Av. Paulista

OS EMPREGADOS COM REGISTRO EM CARTEIRA PROFISSIONAL, OS ESTAGIÁRIOS, OS TEMPORÁRIOS, OS DESEMPREGADOS HÁ ATÉ 24 MESES E AS PESSOAS QUE SE APOSENTARAM ENQUANTO TRABALHAVAM EM EMPRESAS DO RAMO DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO PODEM CREDENCIAR-SE NO SESC.

CREDENCIAL PLENA

- titular**
trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional atualizada e assinada que comprove o vínculo empregatício e foto 3x4*.
estagiários do comércio de bens, serviços e turismo - termo de compromisso ou carteira de trabalho em que conste o número do CNPJ da empresa, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
temporários do comércio de bens, serviços e turismo - contrato de trabalho ou holerite, carteira profissional atualizada, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
desempregados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional com o último registro comprovando estar desempregado há até 24 meses e foto 3x4*.
aposentados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional que comprove aposentadoria quando trabalhava em empresa do comércio de bens, serviços e turismo, além de comprovante do órgão de Previdência Social contendo essas informações e foto 3x4*.
titular falecido - o dependente cujo trabalhador, estagiário, temporário ou aposentado do comércio de bens, serviços e turismo é falecido, poderá requerer sua Credencial Plena. Além dos documentos citados na lista de titular e dependentes, deverão apresentar também a certidão de óbito.



- dependentes**
cônjuge - documento de identidade, CPF, certidão de casamento, ou de nascimento de filhos em comum, ou, ainda, declaração de união estável e foto 3x4*. *Para os casos de união estável, a certidão deve mencionar os nomes do casal, os números dos documentos de identidade e assinatura de ambos.*
filhos, enteados, netos e tutelados (até 21 anos) - certidão de nascimento ou documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os netos, além desses documentos, apresentar também documento que comprove o parentesco com o titular. E para os tutelados, comprovante de tutela.*
filhos, enteados e netos (entre 22 e 24 anos) - documento de identidade, CPF, foto 3x4* e comprovante de matrícula ou pagamento recente de mensalidade em ensino superior, profissionalizante, pós-graduação (lato sensu, stricto sensu ou residência médica), preparatório para o ensino superior ou educação de jovens e adultos (EJA).
pais e padrastos - documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os padrastos e madrastras, é necessário apresentar documento que comprove união com o pai ou mãe do titular.*
avós - documento de identidade, CPF, documento que comprove o parentesco com o titular e foto 3x4*.

A INSCRIÇÃO É GRATUITA, VÁLIDA POR ATÉ 2 ANOS EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL E PODERÁ SER FEITA PELO TITULAR OU DEPENDENTES MAIORES DE 18 ANOS EM QUALQUER UNIDADE DO SESC.

CREDENCIAL ATIVIDADES

A emissão da Credencial Atividades é gratuita, individual e permite o acesso às atividades, desde que haja disponibilidade de vagas, sem estabelecer vínculos associativos. Menores de 18 anos devem estar acompanhados dos pais ou responsáveis legais.

- Documento de identidade, CPF e foto 3x4*.

***A foto poderá ser tirada gratuitamente no ato do credenciamento. Em caso de perda ou extravio da credencial será cobrada uma taxa de R\$ 20 para a emissão da segunda via.**

ATENÇÃO

Estamos retomando de maneira gradual os serviços presenciais no Sesc. Para fazer a Credencial Plena, incluir dependentes ou renovar a sua Credencial vencida*, é necessário agendar horário para atendimento na Central de Atendimento.

*As Credenciais Plenas com data de validade entre 2/2020 e 2/2021 tiveram a validade prorrogada até 31/03/2021. Não é necessário o comparecimento nas Centrais de Atendimento.

Baixe o aplicativo Credencial Sesc SP e utilize a Credencial digital. Acesse www.sescsp.org.br/credencialplena e saiba mais! As demais informações sobre documentação estão atualizadas.



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC
Administração Regional
no Estado de São Paulo
 Av. Álvaro Ramos, 991 - Belenzinho

CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO

Presidente: Abram Abe Szajman.
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda

Efetivos:

Aguinaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva e Valterli Martinez.

Suplentes:

Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Amilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vitor Fernandes e William Pedro Luz.

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Efetivos:

Abram Abe Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior e Rubens Torres Medrano.

Suplentes:

Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Francisco Wagner de La Torre e Vicente Amato Sobrinho.

CONSELHO DE REDAÇÃO E PROGRAMAÇÃO

Diretor: Danilo Santos de Miranda

Adauto Perin, Adriana Macedo, Adriane da Silva Ribeiro, Alessandra Garcia, Alexandre Lamonato, Aline Ribenboim, Aline Stivaletti Barbosa, Amauri da Costa, Andreia do Vale Rufato, Andréa Oliveira, Celia Regina Gonzaga, Claudia de Campos, Corina de Assis Maria, Dalmir Ribeiro Lima, Daniel Tonus, Danilo Cava Pereira, Danny Abensur, David Sampaio, Denise Mariano da Silva, Diego da Silva Oliveira, Diego Lemos, Edmar Junior, Eduardo Freitas, Elder Marques, Eloá de Paula Cipriano, Erasmo Penteado, Estevão Denis, Fabiana de Freitas, Fulvio Andrade, Gabriela Gimenes, Geraldo Soares Ramos, Giovanna Mazza, Guilherme Panebianco, Heloisa Prando, Ivan da Hora, Jade Stella Martins, Janaina de Moitinho, João Cotrim, José Junior, Jose Mauricio Lima, Juliana Braga, Juliana Neves dos Santos, Juliana Ramos, Juliano de Azevedo, Juliano Lima, Leonardo Soares, Lidiane de Jesus, Ligia Zamaro, Lilian Ambar, Lucia Lopes Simões, Lucio Erico Cunha, Manuela Ferreira, Mariana Queiroz Fernandes, Mariana Ruocco, Nilva Costa da Luz, Odair dos Santos, Patricia Fontoura, Poliana Queiroz, Renata Barros, Renato Perez de Castro, Renato José Pereira, Ricardo Carrero da Costa, Ricardo Ribeiro, Ricardo Tacioli, Ruan Conceição, Sabrina Tengan, Sandra Ribeiro Alves, Suianni Macedo, Tamara Demuner, Tatiane de Souza, Thais Cristina Kruse, Thais Ferreira Rodrigues, Vanessa Machado, Walter Frank de Araujo

REVISTA E

Coordenação Geral: Ivan Paulo Giannini

- Diretor Responsável:** Miguel de Almeida. • **Diretor de Arte:** Werner Schulz
- **Edição de Textos (Revista E):** Ana Paula Cardoso e Maria Julia Lledo
- **Edição de Fotografia:** Adriana Vichi • **Repórteres:** Manuela Ferreira e Maria Julia Lledo
- **Revisão:** Luciana Batista de Azevedo • **Coordenação Executiva:** Marcos Ribeiro de Carvalho e Fernando Fialho • **Coordenação Editorial Revista E:** Adriana Reis e Marina Pereira
- **Coordenação Editorial Em Cartaz:** Aline Ribenboim
- **Propaganda:** Daniel Tonus, José Gonçalves Júnior e Renato Perez de Castro
- **Arte de Anúncios (Revista E e Em Cartaz):** Alexandre Calderero e José Gonçalves Júnior
- **Supervisão Gráfica:** Hélcio Magalhães • **Finalização:** Lourdes Teixeira e Werner Schulz
- **Criação Digital Revista E:** Ana Paula Fray • **Circulação e Distribuição:** Jair Moreira

Jornalista Responsável: Miguel de Almeida MTB 14122.

A **Revista E** é uma publicação do **Sesc São Paulo** sob coordenação da **Superintendência de Comunicação Social** e realizada pela **Lazuli Editora**. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Esta publicação está disponível no site: sescsp.org.br

Julho, férias... AÇÃO!

Neste ano, a Semana Mundial do Brincar, ação promovida pela Aliança pela Infância, jogou luz sobre a importância de valorizar a casa e os núcleos de convivência das crianças neste momento que combina lazer e muitos aprendizados. Por isso, no mês de férias escolares, atividades propostas por diferentes instituições em plataformas digitais voltam-se para a adaptação dos cômodos da casa como espaços onde deixar a imaginação correr solta. Experimentos científicos, aulas de malabarismos e acrobacias, jogos e outras brincadeiras entram em cena. Escolha a sua e vamos lá!



Leonardo San

GAME + MUSEU

Visitar o museu e interagir com obras de arte a partir da linguagem dos games é a proposta do projeto *#mamnominecraft*, do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM). Nele, os jogadores e jogadoras entram em contato com uma reprodução do MAM e parte de seu acervo para uma vivência lúdica e criativa dentro deste que é um dos jogos mais populares do mundo, o Minecraft. É possível construir e reconstruir obras de artistas brasileiros contemporâneos como Hélio Oiticica, Elisa Bracher, Guto Lacaz e Mônica Nador. Por exemplo, entre as experimentações, que tal criar outro “inseto” para fazer companhia à escultura *Aranha* (1981), de Emanuel Araújo? Saiba mais: <https://mam.org.br/mam-no-minecraft/>



Cia Zero | Reprodução

RESPEITÁVEL PÚBLICO!

Quem disse que a lona e o picadeiro não podem ser montados na sua sala? Na série de vídeos *Circo Brincado em Casa*, Gabriel Galhardo e Fernanda Soto, da Cia. Zero, mostram que é possível realizar atividades do universo circense no próprio lar. São exercícios de malabarismo, equilíbrio e consciência corporal. E o melhor é que toda a família tem papel garantido nessa brincadeira. A série realizada pelo Sesc Birigui fez parte da programação do Sesc São Paulo durante a Semana Mundial do Brincar, em maio. Confira: www.instagram.com/sescbirigui/

NOS BASTIDORES DA NATUREZA

Germinar um pé de feijão, observar como as plantas reagem à exposição de água, na sombra ou no sol, ver de perto uma folha respirar. Estes são alguns dos experimentos que as crianças podem fazer em casa nessas férias. As atividades sugeridas pelo Lunetas, portal de jornalismo que reúne reportagens e dicas de leituras e outras ações voltadas à infância, aproximam meninos e meninas do contato natural e saudável com a natureza. Dá até para mudar a cor das flores! Para essa experiência, pode-se separar algumas flores brancas, copos e corantes naturais, como a cúrcuma, também conhecida como açafrão-da-terra. Saiba mais: lunetas.com.br/ciencia-das-plantas-experimentos-criancas/



FAÇA VOCÊ MESMO

Curiosidade e criatividade são os ingredientes de cada experimento realizado pelo casal Iberê Thenório e Mariana Fulfaro [*leia Encontros da Revista E nº 268*]. Criadores do canal no YouTube *Manual do Mundo*, com mais de 14 milhões de seguidores, a dupla realiza uma série de videotutoriais. Entre eles: como fazer uma vitrola de papelão ou um campinho de futebol magnético, e como reciclar plástico em casa ou criar seu próprio terrário. De maneira divertida e engraçada, o *Manual do Mundo* também responde curiosidades, investigando, por exemplo, como funciona um formigueiro por dentro. Assista: https://www.youtube.com/channel/UcKHhA5hN2UohhFDfNXB_cvQ

PIPOCA NO SOFÁ

Clarisse, uma garotinha de cinco anos cheia de imaginação, sonha em alcançar a estrela mais brilhante, até que... uma surpresa a espera. Esse é o enredo de *Uma Estrela no Quintal* (2010), animação brasileira dirigida por Danielle Divardin que faz parte da série *+Curtas: Animação*, disponível no canal de *streaming on demand* do SescTV. Além da aventura de Clarice, outros personagens e enredos fantásticos podem ser “maratonados” numa sessão de cinema em casa. Na programação, uma curadoria de curtas-metragens que tiveram destaque em festivais, produzidos a partir de diferentes técnicas de animação como *stop motion*, pintura digital e fotografia. Aperte o play: sescvtv.org.br/programas-e-series/curtas-animacao



A difícil tarefa de contar uma história



Transglobe. Esse era o nome da fera. Recebia notícias do Brasil, da Europa, da União Soviética e dos Estados Unidos. Alimentado por seis pilhas médias, dono de uma antena que lembrava uma varinha de pescar e com dial luminoso, esse rádio da Philco foi um dos responsáveis pelas paisagens sonoras da minha infância nos anos 1970/80. Zé Bétio, Barros de Alencar, Gil Gomes, Paulo Barboza e Silvio Santos. Causos, ave-marias, horóscopo, fofocas, crimes e sucessos populares. A rádio AM era como se alguém estivesse sobre a geladeira conversando com você.

A toada passou a ser outra, com menos papo e mais música, com a chegada do rádio-relógio em casa, que trouxe o FM e seus locutores apressados. Era a velocidade desembestada do pop, da democratização que finalmente se aproximava e da pré-adolescência.

Em 1985, o três-em-um da National passou a definir o que, quando e quanto se tocava. Era a autonomia do ouvinte! Enquanto os discos (e a autonomia!) não chegavam, o único caminho era gravar em fita cassete as músicas da FM, que exigia determinação, senso cirúrgico e paciência oriental. Como conta Sérgio Seabra, amigo de longa data: você tentava apertar o *rec* após a vinheta da emissora estragar o começo da música, como também acionar o *pause* antes do fim, quando a vinheta voltava para desgraçar de vez sua trilha. E o adolescente ficava somente com o refrão. Mas essa realidade não era vivida pelos afortunados do bairro, que tinham elepês a granel, garantia de extrações sonoras indolores e integrais, podendo, ainda, ordenar as músicas conforme seu interesse e malícia.

Somente muitos anos depois, a falta de insumo para compilações individuais encerra-se no Brasil. As plataformas de *streaming* de áudio começam a operar a partir da primeira metade dos anos 2010. Só a Deezer conta com mais de 70 milhões de músicas.

Assim, a seleção musical ganha novo status, vira *playlist* e *commodity*. Se antes as fitas magnéticas definiam a duração da coletânea (30, 45, 60, 90 ou 120

minutos), as *playlists* via *streaming* podem durar horas, com 50, 100, 200 músicas. Os recortes temáticos são tão variados quanto o repertório disponível, mas aqueles que sanam algum tipo de necessidade são os campeões da audiência. São os tais *moods* ou humores. Músicas para dirigir seu possante, para o seu churrasco, para louvar, relaxar, para apimentar sua relação. A novidade não reside aí: os elepês já ofereciam a trilha sonora conforme a demanda do freguês. A diferença é que, de 12 faixas, a coletânea passou a ter dez vezes mais.

Por obra do destino, trabalhei na Rádio Cultura Brasil (AM 1200 kHz), da Fundação Padre Anchieta. Ali, no fim dos anos 2000, antes mesmo da chegada ao país das plataformas de *streaming*, ao lado de colegas radialistas, como Vilmar Bittencourt, Julio de Paula e Eduardo Weber, testemunhei o quão fascinante pode ser contar uma história por meio de uma seleção musical na Internet. Os preceitos eram básicos: “o que se quer contar?”, “por quê?”, “com quem?” e “para quem?”. A ordem das músicas definia o enredo: o começo, o meio e o fim. Mas tudo sem esquecer do mais importante: a seleção tinha de ser gostosa de ouvir.

Esse espírito – o de contar histórias por meio de uma *playlist* – alimenta parte do trabalho do Sesc São Paulo junto ao Deezer, Spotify e Apple Music. Compreender e respeitar as regras do terreno em que se joga é parte da inteligência para qualquer tipo de conteúdo digital. Assim, não se negam os *moods* e os grandes agrupamentos temáticos que predominam e dão sentido às plataformas e aos desejos dos usuários, mas expor a intencionalidade, o que se quer contar, amplia as opções de criação e de descoberta. E, claro, dá um brilho para a autoria e para o Sesc São Paulo, que passa a ser um ambiente de boas histórias, sacadas e trilhas. Pode ser ingenuidade infantil, mas vale mirar o Transglobe e vencer suas próprias fronteiras. ■

RICARDO TACIOLI SERAFINI é graduado em Ciências Sociais e coordenador de Programação do Sesc Digital.

o anel

— alaíde costa canta
jósé miguel wisnik

DOCUMENTÁRIO **INÉDITO**

O reencontro entre Alaíde Costa e José Miguel Wisnik, após 52 anos, para a gravação do álbum **O Anel**

Direção de **Daniel Augusto**

Estreia dia 15 de julho, 20h

assista também sob demanda em sesctv.org.br/anel



Ouçá o disco **O Anel**,
lançamento do Selo Sesc,
nas plataformas digitais

Sesctv

 /SescTV

